

A P O S T I L A D E B A T I S M O

INÍCIO

I G R E J A B A T I S T A D A L A G O I N H A





ÍNDICE

01	O que é crer?	04
02	Afinal, quem é Deus?	11
03	Conhecendo a Trindade	16
04	Quem é Jesus?	20
05	O Espírito Santo	30
06	Eu fui salvo do quê?	36
07	Não olhe para trás	43
08	A comunidade dos santos	49
09	Falando com Deus	57
10	Recalculando a rota	66
11	Práticas e ordenanças	74
12	A visão da Lagoinha	78



A P O S T I L A D E B A T I S M O

O QUE É FÉ





O QUE É FÉ

Fé está relacionado a crer. É verdade que a palavra fé tem muitos significados por aí, e quando se trata das religiões de modo geral, o conceito de fé é muito utilizado. Nas religiões monoteístas (religiões que creem na existência de apenas um deus), por exemplo, a fé pressupõe uma relação pessoal com Deus, ou seja, Deus é um ser relacionável, uma pessoa. De modo mais específico, no cristianismo a fé não é tratada como uma força ou poder interno. Ela não nasce por vontade do ser humano, é um presente, um dom da parte de Deus para aqueles que querem se relacionar com Ele (Ef 2.8).

Observe o que diz Colossenses 2.6-7: “Ora, como recebestes Cristo Jesus, o Senhor, assim andai nele, nele radicados, e edificados, e confirmados na fé, tal como fostes instruídos, crescendo em ações de graças”. A fé, além de estar presente no início da caminhada cristã, também está presente ao longo de todo o caminho (Hb 12.2). Ela é a raiz e o fundamento de nossa relação com Jesus. Recebemos Cristo pela fé, vivemos e somos plantados nEle pela fé. Tudo o que é feito nEle é pela fé.

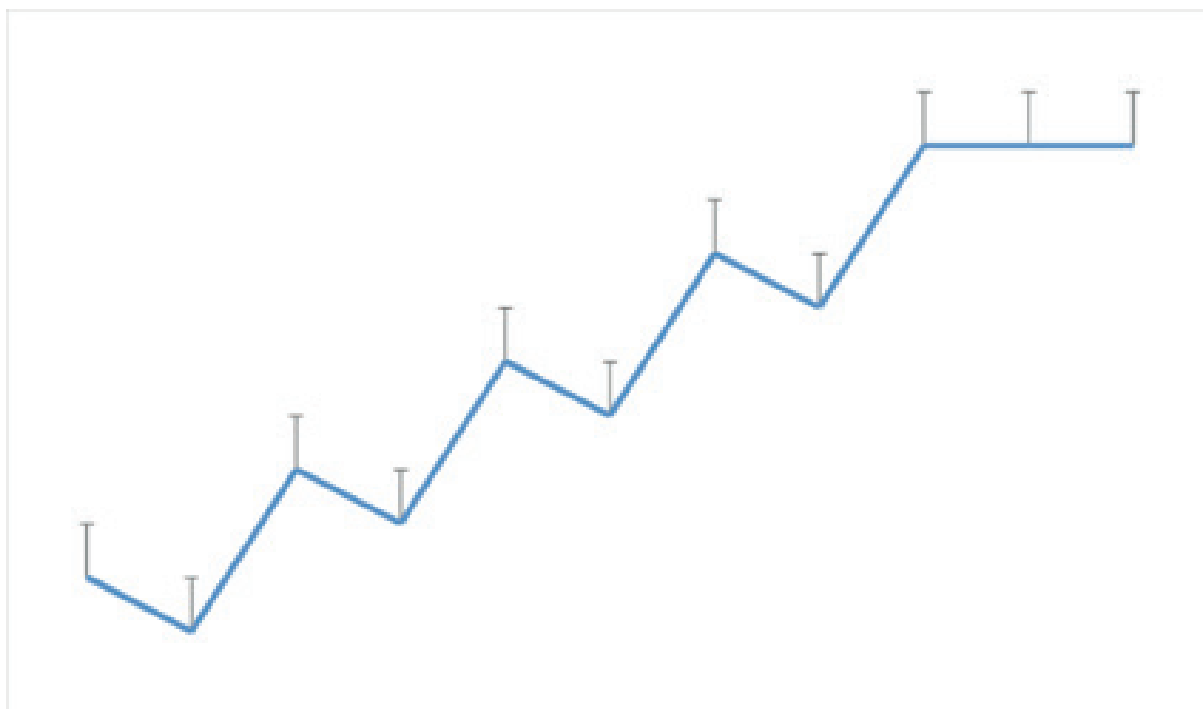
O MESTRE DA FÉ

Quem seria um bom modelo de fé para nós? Tem que ser alguém como a gente e por meio de quem Deus iniciou seu projeto de salvação. O nome desse homem é Abraão, ou melhor, como antes era chamado, Abrão.

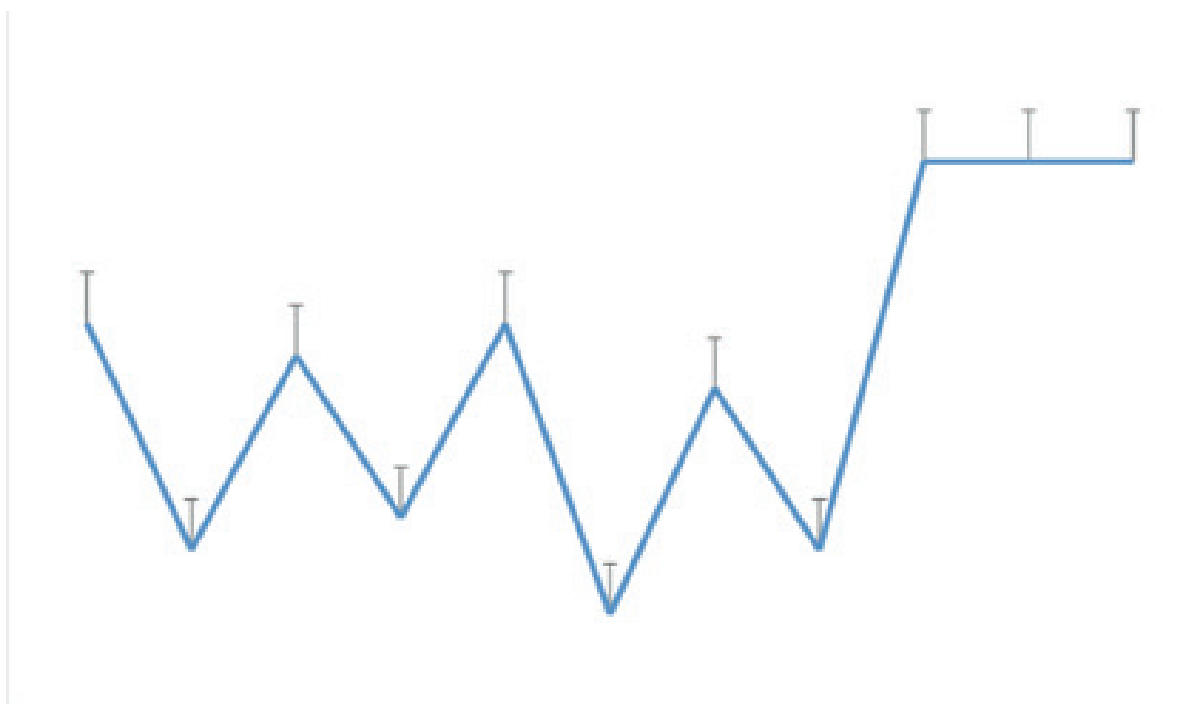
Abraão é conhecido como pai da fé. Isso significa que ele é o modelo, ou melhor, aquele que inaugura a relação de fé com Deus. Isso significa que a espiritualidade da fé é a espiritualidade abraâmica e, portanto, devemos ter em mente como foi a construção da fé de Abraão, como ela começou e como se desenvolveu.

Aparentemente, percebemos uma inconstância na fé de Abraão por causa de suas atitudes. E assim como enxergamos nossas vidas, temos a tendência de enxergar a vida de Abraão da seguinte forma:





No entanto, não é assim que deveríamos enxergar a fé do patriarca. Nos pontos em que Abraão falhou, Deus atuou para ele seguir crescendo. Isso nos mostra que o nosso crescimento em fé permanece mesmo nos momentos difíceis, afinal, é Deus quem atua em nós. Sendo assim, devemos enxergar nossos altos e baixos na vida de fé não como topo e vale, e sim como uma progressão, mesmo que não seja constante:



O que acontece é que Deus não nos deixa regredir na fé, apesar dos nossos percalços. Por isso, devemos manter firme a nossa confiança nEle. Contudo, existem algumas características na fé cristã que precisamos ter sempre em mente, e para isso continuaremos usando Abraão como exemplo.

Leia Romanos 4, versículos 1 a 8. A primeira coisa que percebemos na fé de Abraão é que ela exclui o mérito. Isso mesmo, a justificação que Abraão recebeu não foi por causa de suas obras, e sim por causa da graça de Deus. Faltava justiça à Abraão, e essa justiça foi acrescentada a ele por meio da fé.

Agora observe o que diz Romanos 4.19-21: “E, sem enfraquecer na fé, embora levasse em conta o seu próprio corpo amortecido, sendo já de cem anos, e a idade avançada de Sara, não duvidou, por incredulidade, da promessa de Deus; mas, pela fé, se fortaleceu, dando glória a Deus, estando plenamente convicto de que ele era poderoso para cumprir o que prometera”.

Outro elemento presente na fé de Abraão é que ele confiou que Deus era fiel ao que prometera. Isso tem dois aspectos: primeiro, que Deus é fiel às suas promessas. Ele é fiel a si mesmo, fiel ao seu caráter imutável, e, por isso, a relação de fé também é uma relação de graça. Ou seja, Abraão, sem merecer, recebeu a promessa de Deus, e ainda sem merecer foi que Deus cumpriu essa promessa. Ela fazia parte do plano divino, e, portanto, seria cumprida independente de obras humanas.

Outro aspecto para considerarmos é que a fé traz ideia de verdade e realidade. Verdade e realidade são aquilo que Deus diz e realiza, independentemente, das circunstâncias. Por exemplo: Deus nos disse que estaria conosco todos os dias (Mt 28.20), mas, de vez em quando, as tempestades estão tão fortes e a escuridão tão densa, que não sentimos Deus segurando a nossa mão e muito menos o vemos conosco. Mesmo assim, podemos crer que Deus está presente, porque Ele disse que estaria conosco nos amparando (como de fato está). Essa é a base da relação de fé que Abraão tinha com Deus: uma relação de confiança.

FÉ É CONFIAR

A palavra fé, no grego, é pistis. Essa palavra varia seu significado de acordo com o objeto da relação: quando ela estabelece uma relação do homem para com Deus, o significado apresentado é de confiança. E quando ela apresenta a relação de Deus para com o homem, seu significado se altera para fiel, confiável, leal.

Mas, afinal, em que a gente confia? O objeto da nossa fé é o próprio Deus, e não a nossa fé. Assim, a nossa fé, em um primeiro momento, é o reconhecimento de que Deus está presente e a constatação da realidade do seu amor.



Quando dizemos que confiamos em Deus, temos que ter em mente que isso tem a ver com Ele mesmo, com seu caráter confiável e sua lealdade. E o fato de Deus ser confiável faz com que tenhamos a certeza que sua Palavra também é confiável.

Se confiarmos no que Deus diz, algumas coisas afirmadas na Bíblia a nosso respeito são bem pesadas: não queremos Deus (Rm 3.11), não podemos fazer nada por nós mesmos (Jo 15.5), somos criaturas completamente perversas (Rm 3.10-18). Por isso, há essa necessidade de desistência e, conseqüentemente, humilhação diante dEle.

A confiança trará a desistência de fazermos algo a nosso favor. Com nossa mente caída, sempre pensamos que temos que fazer algo para merecermos a Deus. Mas como a relação é de confiar na obra e nos méritos de Cristo, isso significa que temos que desistir da ideia de fazer por merecermos as bênçãos de Deus. E essa desistência de nós mesmos será aquilo que chamamos de autonegação ou arrependimento. Em outras palavras, é reconhecer que não podemos fazer nada, e que Ele mesmo tomou a iniciativa de romper todas as barreiras e nos alcançar em salvação. Se confiarmos nisso, temos fé!

FÉ É CONHECER

Examinando novamente a história de Abraão, percebemos que foi Deus que se revelou a ele. É impossível conhecer e alcançar Deus sem que Ele mesmo tome a iniciativa de se revelar a nós. Junte a isso nossa indisposição de buscá-lo (Rm 3.11).

Para permitir que o homem perceba Deus, é necessária a intervenção do próprio Deus agindo com plena liberdade e decidindo soberanamente. Entregue às nossas próprias forças, poderemos no máximo, segundo o grau de nosso entendimento e intuição, reconhecer a existência de um ser supremo e absoluto.

Para conhecermos Deus, além dEle se revelar, precisamos também estar habilitados para isso. É impossível o ser humano se aproximar de Deus sem que Ele providencie o meio para isso. Jesus, além de nos revelar o Pai, é também o meio, o caminho (Jo 14.6), a habilitação para nos relacionarmos com Deus. Jesus é quem nos introduz na relação que Ele tem com o Pai. Assim, se quisermos crescer em conhecimento cristão, precisamos viver na verdade de Jesus Cristo.

Isso, no entanto, não tem nenhuma relação com o próprio Deus. Ela é fruto das intuições e das possibilidades – limites do pensamento e esforço do homem, que pode, com certeza, imaginar um ser supremo sem que, apesar disso, tenha encontrado Deus. O risco de acharmos que somos nós quem buscamos a Deus é de criarmos um deus à nossa imagem e chamá-lo de Jesus.



A linha divisória entre o verdadeiro Deus e os falsos deuses se estabelece claramente a partir do problema do conhecimento. Para Abraão, cuja família era fabricante de ídolos (Js 24.2), só foi possível conhecer o Deus Vivo a partir do momento que Deus decidiu se revelar a ele. Esse processo de revelação de Deus é chamado na teologia de iluminação (2Co 4.6). É em Cristo que temos essa iluminação, e Jesus é quem nos revela o Pai (Jo 14.9).

Para conhecermos Deus, além Dele se revelar, precisamos também estar habilitados para isso. É impossível para o ser humano se aproximar de Deus, sem que Ele providencie o meio para isso. Assim, Jesus, além de nos revelar o Pai, é também o meio, o caminho (Jo 14.6), a habilitação para nos relacionarmos com Deus. Jesus é quem nos introduz na relação que Ele tem com o Pai.

FÉ É CONFESSAR

Observe o que diz Romanos 10.9–10: “Se, com a tua boca, confessares Jesus como Senhor e, em teu coração, creres que Deus o ressuscitou dentre os mortos, serás salvo. Porque com o coração se crê para justiça e com a boca se confessa a respeito da salvação”.

A fé produz efeitos, ações em nossa vida. Em um primeiro momento, a fé é a abertura para Deus, e quanto mais ela se torna presente, mais produz um impacto em nossa vida. E é aqui que entra a confissão da fé. Confessar é se comprometer publicamente. Existe a necessidade do ato público que autentique e efetive a fé. O ato de confessar, ou seja, falar, traz um impacto interno, traz comprometimento e assimilação do que estamos fazendo. Quando há confissão, a fé deixa de ser particular e se torna operosa (1Ts 1.3). O fato da fé ser operosa significa que ela é visível externamente. Uma fé que permaneça como sendo algo privado, que não se manifesta para o exterior, não é mais do que uma incredulidade escondida, uma falsa fé.



DÚVIDA E INCREDELIDADE

Observe o que diz Hebreus 11.1: “Ora, a fé é a certeza de coisas que se esperam, a convicção de fatos que se não veem”.

Ter fé não significa que não teremos dúvidas. Devido à nossa finitude, há um tipo de dúvida decorrente de não sabermos tudo nem podermos controlar tudo. Esse tipo de dúvida é pecaminosa em si mesma. Também é possível ter fé genuína e não ter a certeza da salvação – isso pode ocorrer devido a ensinamentos falsos, pressões sociais ou dificuldades emocionais. Porém, há uma dúvida que é decorrente da queda. A dúvida que decorre da suspeita de que Deus não é bom, por exemplo, é pecaminosa.

De fato, essas dúvidas levam para o lado da descrença ou incredulidade. A incredulidade é o contrário da fé. A descrença não é a causa, mas o resultado da desconfiança. Quando nos convertemos, a restauração da crença e da confiança em Deus acontecem de forma simultânea. Declaramos: “Agora eu sei que há uma redenção em Cristo, sei que há um futuro, sei do amor de Deus!”

A certeza da fé é decorrente da confiança na bondade de Deus, a qual se fundamenta na gratidão diante de sua revelação. A compreensão, ou seja, a certeza, alimenta e é alimentada pela confiança, sendo ambas fundamentadas na gratidão. Em outras palavras, a convicção é fundamentada na confiança absoluta (Rm 4.20,21), e, por essa razão, a fé subsiste na escuridão da incerteza (Gn 12.1,4).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A fé é um presente de Deus, e temos que acreditar que do princípio ao fim o Senhor atua em nós para a nossa salvação. A fé cristã não é uma adesão passiva, é obediência, e obedecer é uma escolha. É escolhermos todos os dias a fé, e não a incredulidade. É decidirmos confiar quando a dúvida bater à nossa porta. Lembre-se: a fé é um ato de obediência e decisão que agrada o coração de Deus, o nosso Pai. O conhecimento de Deus é baseado no ouvir (cf. o caso de Abraão e Rm 10.17), pois a “Voz” é a força original, que dá existência ao mundo (Hb 11.3).

A compreensão (certeza) alimenta e é alimentada pela confiança, sendo ambas fundadas na gratidão. Ou seja, essa convicção é fundamentada na confiança absoluta (Rm 4.20,21) e essa confiança é expressa por um símbolo (Hb 11.6), em que devemos nos aproximar de Deus reconhecendo que Ele é dadivoso.







A P O S T I L A D E B A T I S M O



AFINAL, QUEM É DEUS?





AFINAL, QUEM É DEUS?

O nascimento de Jesus ultrapassou todas as expectativas da esperança messiânica: com Ele, é o próprio Deus que entra na história. O nascimento de Jesus é um momento decisivo na construção e na interpretação da história da humanidade. Não é à toa que existe um período antes de Cristo e outro, intrinsecamente diferente, depois de Cristo.

Com a manifestação de Deus na história, em Jesus Cristo, a ação de Deus já não inspira apenas a história sagrada do povo eleito, mas a história de toda a humanidade. A preocupação de Deus pela história da sua criação é evidente, pois Ele mesmo entrou na história, em Jesus Cristo. Ele, mesmo antes, nunca pôde ficar ausente de nenhum momento da história dos homens, pois o seu compromisso com a criação parte da Sua própria essência, que é o amor.

DEUS NA CRIAÇÃO

“No princípio, criou Deus os céus e a terra” (Gn 1.1).

O verbo “criar” (no hebraico original bara), nesse famoso texto sagrado é especial. É um verbo exclusivo de Deus, pois tem um significado profundo de criar a partir do nada, trazer à existência o que não existe. Nas Escrituras, ele só faz referência a Deus. Só Deus pode bara, demonstrando, assim, sua onipotência.

“Disse Deus: Haja luz, e houve luz” (Gn 1.3).

A expressão “disse Deus” demonstra a vontade soberana do Criador e, como consequência, a transformação dessa vontade na própria criação. Ele criou todas as coisas por meio de seu desejo soberano.

Deus se preocupa não somente com o homem, mas com toda a criação. Não somente o ser humano será redimido, mas toda a criação. O universo não é uma máquina com leis inflexíveis e que escravizam o Deus que as criou. Como Senhor de sua criação, Ele governa todas as coisas.

O CARÁTER DE DEUS

Justiça

- *Deus é justo: a justiça divina não é igual à justiça humana, que pune para pagar pelos erros. Quando Deus pune, Ele visa o resgate.*
- *Deus vem em nosso resgate: nenhum ser humano é capaz de salvar a si próprio, então, o próprio Deus vem e salva o ser humano, reconciliando-o Consigo mesmo.*
- *Deus nos confere a posição de justos: a partir do momento que o ser humano é resgatado por Deus, o próprio Deus o declara justo diante*



de Si.

- *O evangelho revela a justiça de Deus: Ele enviou Jesus para resgatar o homem.*

Amor e Ira

- *Do céu se revela a ira de Deus: “abandono” da criação à sua própria obstinação.*
- *A ira é vista na corrupção do homem e da sociedade e o remédio para o pecado é visto no evangelho.*
- *Deus é um Deus de amor e de ira: ambas características, no entanto, não são contraditórias e nem se anulam, antes estabelecem uma espécie de paradoxo divino.*

Onipotência

- *Deus pode todas as coisas: onipotente.*
- *Porém, seu poder está limitado a si mesmo: Deus não é totalitário e arbitrário.*
- *Ele não pode negar a si mesmo e fazer o mal: Ele sempre escolhe fazer o bem de acordo com seu caráter e desejo, que são perfeitos.*

Soberania

- *Como Criador: Deus criou todas as coisas, poderes, seres e elementos.*
- *Como Senhor: Tudo que Ele criou está sob seu domínio e controle.*
- *Como Redentor: Ele é o único capaz de resgatar sua criação e redimi-la das consequências do pecado.*

Propiciação e Cruz

PROPICIAÇÃO= favorecimento, tornar favorável	PAGÃOS	CRISTÃOS
NECESSIDADE (por quê?)	Os deuses são mal-humorados e caprichosos, além de vingativos e imprevisíveis.	A ira de Deus repousa apenas sobre o mal.
AUTOR (quem?)	Nós que devemos realizá-la. Nós ofendemos e nós devemos acalmar os deuses.	Não podemos aplacar a ira justa de Deus. Deus mesmo oferece a propiciação de livre vontade.
NATUREZA (como?)	Devemos adular os deuses com ofertas, sacrifícios de animais e até de seres humanos.	O sacrifício do Velho Testamento era uma tipificação do sacrifício supremo. Quando Deus entrega Jesus, Ele entrega a si mesmo.



Paternidade

- *Ele é Criador universal e Rei universal: criou e governa todas as coisas.*
- *Sua Paternidade não é universal: é apenas relacionada a Jesus e àqueles que Ele adotou por intermédio de Cristo (Jo 1.12).*
- *Para se tornar filho de Deus: (Gl 3.26,27) “Todos vocês são filhos de Deus mediante a fé em Cristo Jesus, pois os que em Cristo foram batizados, de Cristo se revestiram”.*

Deus é luz, mas nem sempre é conhecido

- *Revelar-se faz parte da natureza divina.*
- *Devemos conhecê-lo como ser pessoal, infinito em toda sua perfeição e transcendência.*
- *Ele deseja ser conhecido, por isso, se revelou.*
- *Ele, no entanto, se oculta dos “sábios e cultos”.*
- *Ele se oculta dos orgulhosos e dos que não querem conhecê-lo de verdade.*
- *Ele se revela aos “pequeninos”, àqueles que são suficientemente humildes para acolher a revelação que Ele fez de si mesmo (Mt 11.25, 26).*

Deus x religião

- *Os principais interesses de Deus não são os templos (prédios, capelas) ou livros religiosos (Bíblia e livros de oração).*
- *Ele se interessa por essas coisas apenas se elas fizerem parte da vida integral.*
- *Se a “religião” significar serviços religiosos separados da prática da vida real, Deus se torna o primeiro a criticar a tal “religião”.*
- *A verdadeira “religião” está relacionada ao serviço amoroso e à obediência moral proveniente do coração.*

A partir desse entendimento, todos são chamados a uma vida de qualidade como cristãos verdadeiros, pois perceberam que na história humana há um Senhor, um governador que amou tanto suas criaturas que Ele mesmo adentrou a própria história criada, e declarou numa linguagem compreensível o quanto se compromete com sua criação.

Diante disso, todo cristão deve ser comprometido com a história na qual foi implantado, aprendendo com o passado, transformando o presente, e construindo o futuro cada vez mais digno do qual Deus, o Senhor da história, por nós se entregou.



Parafraseando o teólogo John Stott, a visão que precisamos ter é a visão de Deus, do Deus de toda a revelação bíblica: o Deus da Criação, que fez todas as coisas agradáveis e boas, e que fez o homem e a mulher à sua imagem para subjugar o mundo. O Deus da aliança da graça, que, apesar da rebelião humana, está chamando as pessoas para si mesmo. O Deus da compaixão e da justiça, que odeia a opressão e ama o oprimido. O Deus da encarnação, que se fez fraco, pequeno, limitado e vulnerável e que participou da nossa dor e alienação. O Deus da ressurreição, ascensão e Pentecoste, e, portanto, do poder e autoridade universais. O Deus da Igreja ou da comunidade do Reino, com a qual Ele se comprometeu para sempre. O Deus da História, que trabalha de acordo com um plano em direção à conclusão. O Deus do eschaton, que um dia fará novas todas as coisas. Aqui não há espaço para o pessimismo, tampouco para a apatia. Há lugar apenas para a adoração, para a fé e para a obediência prática em testemunho e serviço.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ter a nossa vida unida a Jesus Cristo, como seus discípulos, é indissociável da história que construímos com os homens e as mulheres, nossos irmãos. Isolar a vivência da fé da história é o mesmo que desligá-la da vida ou renunciar a harmonia unificadora de toda a existência.

E isolar a fé cristã da história é separá-la da vida da cidade dos homens, reduzindo-a a um espaço intimista de outra natureza. Desde que Deus nasceu homem, em Jesus Cristo, a vivência da fé cristã é uma força motivadora e interpretativa da história.

Deus nos dá a oportunidade de, a cada dia, escrevermos mais uma página da nossa história. Ele dá ao homem a liberdade para aceitar seu senhorio na história geral e pessoal, ou de não aceitar esse senhorio, apesar de Deus sempre ser Senhor da história. Ele permite ao ser humano reconhecer isso no seu íntimo ou não.







A P O S T I L A D E B A T I S M O



CONHECENDO A TRINDADE





CONHECENDO A TRINDADE

Houve um período importante da história que foi denominado patrístico. Ele representa um dos períodos mais empolgantes e criativos da história do pensamento cristão. Ao longo do período patrístico, o estudo teológico foi explorado com especial empenho, e foi nesse período da teologia cristã que a doutrina da trindade começou a tomar corpo.

A característica básica dessa doutrina concentra-se na existência do Deus trino – Pai, Filho e Espírito Santo – e que cada um deles deve ser considerado igualmente divino e de importância equivalente. A palavra trindade não se encontra na Bíblia, embora a ideia representada pela Palavra seja ensinada em muitos trechos das Escrituras. Ela é usada para resumir o ensinamento bíblico de que Deus é três pessoas, porém, um só Deus.

A TRINDADE NO ANTIGO TESTAMENTO

Embora a doutrina da trindade não se ache explicitamente no Antigo Testamento (AT), várias passagens dão a entender ou até implicam que Deus existe como mais de uma pessoa.

Em Gênesis 1.26, Deus disse: “Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança”. Alguns estudiosos sugerem que o verbo usado na primeira pessoa do plural trata-se de um termo majestático, uma forma de falar que os reis costumam usar. Outros ainda afirmam que Deus estivesse falando com anjos. Porém, ambas as afirmações não encontram evidências que as sustentem, pois no AT não se encontram outros exemplos em que um monarca use o verbo ou pronome no plural referindo-se a si mesmo. E, também, é certo que os anjos não participaram da criação do homem, nem foi o homem criado à imagem e semelhança de anjos.

A melhor explicação é que já nos primeiros capítulos de **Gênesis** temos uma indicação da **pluralidade de pessoas** no próprio Deus. O texto não indica quantas são, e nada temos que se aproxime de uma doutrina completa da trindade, mas implica-se que há mais de uma pessoa. O mesmo se pode dizer de Gn 3.22, Gn 11.7 e Is 6.8.

A TRINDADE NO NOVO TESTAMENTO

Quando começa o Novo Testamento (NT), entramos na história da vinda do Filho de Deus à terra. Era de se esperar que esse grande acontecimento se fizesse acompanhar de ensinamentos mais explícitos sobre a natureza



trinitária de Deus e, de fato, é isso que encontramos.

No batismo de Jesus (Mt 3.16,17), ao mesmo tempo temos os três membros da trindade realizando três ações distintas: **Deus Pai** fala de lá do céu; **Deus Filho** é batizado, e depois ouve a voz de **Deus Pai** vinda do céu; e o **Deus Espírito Santo** desce do céu para pousar sobre **Jesus** e dar-lhe poder para o seu ministério. Ao final do seu ministério terreno, **Jesus** diz aos discípulos que eles devem batizar em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo (Mt 28.19). Os próprios nomes “Pai” e “Filho”, baseados na família, a mais comum das instituições humanas, indicam com muita força a distinção das pessoas do Pai e do Filho. E se o “Espírito Santo” é inserido na mesma frase e no mesmo nível das outras duas pessoas, é difícil evitar a conclusão de que o Espírito Santo é, também, tido como pessoa e de posição igual á do Pai e Filho.

Em certo sentido, a doutrina da trindade é um mistério que jamais seremos capazes de entender plenamente. Podemos, contudo, compreender parte da sua verdade resumindo o ensinamento bíblico em três afirmações:

1. Deus é três pessoas

Deus é uma trindade de pessoas: o Pai, o Filho e o Espírito Santo. A Trindade é definida como o Deus que existe nessas três pessoas eternas, simultâneas e distintas. O Pai não é a mesma pessoa que o Filho; o Filho não é a mesma pessoa que o Espírito Santo e o Espírito Santo não é a mesma pessoa que o Pai. Eles são pessoas distintas, mas, ainda assim, são todos o mesmo único Deus. Eles estão em perfeita harmonia de relacionamento, consistindo de uma única substância. Eles são coeternos, coiguais e copoderosos. Se qualquer um deles fosse retirado, então não haveria Deus.

2. Cada pessoa é plenamente Deus

Além do fato de serem as três pessoas distintas, as Escrituras também dão farto testemunho de que cada pessoa é plenamente Deus e que cada uma delas tem seus papéis distintos. Percebemos essas funções diferentes na obra da criação. Deus Pai proferiu as palavras criadoras para gerar o universo, mas foi Deus Filho, a eterna Palavra de Deus, que executou os decretos da criação (Jo 1.3; 1Co 8.6; Cl 1.16; Hb 1.2). O Espírito Santo também estava ativo, de um modo diferente, pois “movia-se” (o sentido estaria mais próximo de “chocar”) sobre a superfície das águas sustentando e manifestando a presença imediata de Deus na sua criação (Gn 1.2; Sl 33.6). Na obra da redenção também há papéis distintos. Deus Pai planejou a redenção e enviou seu Filho ao mundo (Jo 3.16; Gl 4.4; Ef



1.9,10). O Filho veio pelo Pai e realizou a nossa redenção, encarnando, morrendo e ressuscitando (Jo 6.38; Hb 10.5-7). Tendo ascendido o Filho, o Espírito Santo foi enviado pelo Pai e pelo Filho para realizar em nós a redenção (Jo 3.5-8; 14.26; 15.26; 16.7).

Assim, podemos dizer que o papel do Pai na criação e na redenção foi planejar, dirigir e enviar o Filho e o Espírito Santo. Portanto, embora as pessoas da trindade sejam iguais em todos os seus atributos, assim mesmo diferem nas suas relações com a criação. Cada um cumpre seu papel fielmente, retribuindo entre si amor e submissão. Não há um maior, um não foi o primeiro e criou os outros. Todos sempre existiram, pois todos são o único Deus eterno. Todos possuem o mesmo poder, os mesmos atributos e a mesma autoridade e natureza.

3. Há um só Deus

A Bíblia deixa bem claro que só existe um único Deus. As três diferentes pessoas da trindade são um não apenas em propósito e em concordância no que pensam, mas um em essência, um na sua natureza essencial. Em outras palavras, Deus é um só ser. Não existem três deuses, só existe um Deus.

O teólogo C.S.Lewis costumava dizer que o nível humano é um nível simples, ou seja, uma pessoa é um ser e duas pessoas são dois seres separados. Já no nível divino, existem personalidades que encontramos combinadas de maneiras novas, maneiras que nós, que não vivemos nesse nível, não podemos imaginar. Na dimensão de Deus, por assim dizer, encontramos um ser que são três pessoas sem deixar de ser um único ser.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A doutrina da trindade foi e continua sendo fundamental para nós, cristãos. Ela se ocupa em definir quem é Deus, como Ele é, como Ele trabalha e a forma pela qual nós temos acesso a Ele.





A P O S T I L A D E B A T I S M O

04

QUEM É JESUS?





QUEM É JESUS

Você sabia que o tema central de toda Bíblia é a pessoa de Jesus Cristo?

“E, começando por Moisés, percorrendo por todos os profetas, expunha-lhes o que a seu respeito constava em todas as Escrituras” (Lc 24.27).

“A seguir, Jesus lhes disse: São estas as palavras que eu vos falei, estando ainda convosco: importava se cumprisse tudo o que de mim está escrito na Lei de Moisés, nos Profetas e nos Salmos” (Lc 24.44).

“Examinais as Escrituras, porque julgais ter nelas a vida eterna, e são elas mesmas que testificam de mim” (Jo 5.39).

Já que as Escrituras apontam para Jesus, podemos resumir os 66 livros da Bíblia da seguinte forma:

- **Preparação:** todo o Antigo Testamento trata da preparação do mundo para a vinda de Cristo.
- **Manifestação:** os evangelhos tratam da manifestação de Cristo ao mundo, como rei e redentor.
- **Propagação:** Atos dos apóstolos trata da propagação de Cristo por meio da Igreja.
- **Explicação:** as Epístolas esclarecem Cristo, dando detalhes de seus ensinamentos e aplicação na vida prática das comunidades de fé.
- **Consumação:** o Apocalipse trata do relacionamento de Cristo com a Igreja e a consumação de todas as coisas.

Deus criou o homem com liberdade. E nessa liberdade de vontade (livre-arbítrio), o homem podia escolher obedecer a Deus ou se voltar contra Ele. O homem, então, decide se afastar de Deus. Esse afastamento fez surgir entre ele e Deus um verdadeiro abismo, de maneira que o homem não mais podia, por si mesmo, se aproximar de Deus.

A barreira que impedia o homem de se aproximar de Deus era o pecado. Ele havia afetado a natureza humana, levando o homem a viver na mais terrível escravidão, que, por sua vez, abrangia a vontade, os pensamentos e as emoções. Contudo, o pecado não somente trouxe corrupção ao ser humano. Ele também quebrou o relacionamento que antes existia entre o homem e seu Criador. Mas Deus, desejando restaurar o seu relacionamento com o homem, foi ao encontro dele. De várias maneiras, Deus foi ensinando os meios para se ter um relacionamento com Ele, e tudo o que Deus ensinou ao homem, no sentido de retomar o relacionamento com Ele, tinha por objetivo apontar para a suprema manifestação do Pai em Jesus.



Jesus é a suprema manifestação de Deus pelo fato de ser o próprio Deus encarnado. Por meio de Jesus, de sua vida, morte e ressurreição, Deus reconcilia o mundo consigo mesmo (2Co 5.19). Jesus é o único caminho de volta para Deus (Jo 14.6 e 1Tm 2.5)

DIVINDADE E HUMANIDADE DE JESUS

Quando estudamos a pessoa de Cristo, podemos afirmar que Ele é uma pessoa com dois tipos de atributos: divino e humano. Algumas passagens na Bíblia afirmam ou implicam tanto a divindade quanto a humanidade de Cristo. Por exemplo: João 5.18 diz que os judeus procuravam matar Jesus porque ele “estava dizendo que Deus era seu próprio Pai, igualando-se a Deus”. Eles o viram como um homem, mas ele reivindicava ser Deus. João 8.56-59 descreve outro conflito semelhante a esse: “Abraão, pai de vocês, regozijou-se porque veria o meu dia; ele o viu e alegrou-se. Disseram-lhe os judeus: Você ainda não tem cinquenta anos, e viu Abraão? Respondeu Jesus: Eu lhes afirmo que antes de Abraão nascer, Eu Sou! Então, eles apanharam pedras para apedrejá-lo, mas Jesus escondeu-se e saiu do templo”.

As pessoas reconheceram que em sua vida humana, Jesus não tinha ainda cinquenta anos de idade e afirmava conhecer pessoalmente Abraão. Aqueles que o ouviram não contestaram sua humanidade, mas entenderam que suas palavras continham uma reivindicação de divindade.

Mateus 22.41-45 também afirma que Jesus é tanto Deus quanto homem: “Estando os fariseus reunidos, Jesus lhes perguntou: O que vocês pensam a respeito do Cristo? De quem ele é filho? É filho de Davi, responderam eles. Ele lhes disse: Então, como é que Davi, falando pelo Espírito, o chama Senhor? Pois ele afirma: O Senhor disse ao meu Senhor: Senta-te à minha direita, até que eu ponha os teus inimigos debaixo de teus pés. Se, pois, Davi o chama Senhor, como pode ser ele seu filho?” Os fariseus reconheceram que Jesus deveria ser descendente de Davi, e como filho de Davi, Cristo deveria ser humano.

Separamos para você algumas referências bíblicas sobre a **divindade** de Jesus:

Antigo Testamento: Sl 2.6-12; Is 9.6; Dn 7.13 e Ml 3.1.

Novo Testamento: Mc 2.5, Mt 25.31-46, Jo 1.1-3,14,18; 2.24-25; 20.28; Rm 9.5; Cl 2.9; Hb 1.1-3, 5, 8; 4.14.

E algumas referências bíblicas sobre a **humanidade** de Jesus:



Jo 4.6; Mt 21.18; Jo 19.28; At 2.22, Rm 5.15; 1Co 15.21; 1 Jo 4.2; Mt 26.26; Lc 24.39; Lc 2.40, 52 e Hb 2.9, 10, 18; Jo 11.35.

É muito importante afirmar a realidade e a integralidade da humanidade de Jesus, admitindo o seu desenvolvimento humano e suas limitações humanas. Jesus chamou-se homem a Si próprio, e foi chamado por outros.

Mas quem sabe você esteja se perguntando: afinal, por que Cristo tinha as duas naturezas?

Desde que o homem pecou, era necessário que ele sofresse a penalidade. Além disso, o pagamento da pena envolvia sofrimento de corpo e alma, somente cabível ao homem (Jo 12.27 e Hb 2.14). Era necessário que Cristo assumisse a natureza humana, não somente com todas as suas propriedades essenciais, mas também com todas as debilidades a que está sujeita depois da queda. Sendo assim, devia descer às profundezas da degradação que o homem havia caído (Hb 2.17,18). Ao mesmo tempo, era preciso que fosse homem sem pecado, pois um homem que fosse pecador e estivesse privado de sua própria vida, certamente, não poderia fazer expiação por outros (Hb 7.26). Somente um mediador verdadeiramente humano, que tivesse conhecimento experimental das misérias da humanidade e se mantivesse acima de todas as tentações, é que poderia entrar em todas as experiências, provações e tentações do homem (Hb 4.15; 5.2), e ser um perfeito exemplo humano para seus seguidores (Mt 11.29; Mc 11.39, Hb 12.2-4).

Ao mesmo tempo, no plano divino de salvação, era absolutamente essencial que o mediador fosse verdadeiramente Deus. Era necessário que Ele pudesse apresentar um sacrifício de valor infinito e prestar perfeita obediência à lei de Deus. Era preciso que pudesse sofrer a ira de Deus redentoramente, isto é, para livrar os outros da maldição da lei e para que pudesse aplicar os frutos da sua obra consumada aos que o aceitassem pela fé. O homem, com sua vida arruinada, não pode nem cumprir a pena do pecado, nem prestar perfeita obediência a Deus, afinal, ele está condenado pela eternidade. Mas pela graça salvadora provinda de Deus, foi dada ao homem, por meio de seu filho Jesus, a oportunidade de se livrar da condenação eterna.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Jesus é o Filho de Deus. Ele é a suprema manifestação de Deus pelo fato de ser o próprio Deus encarnado. Por meio de sua vida, morte e ressurreição, Deus reconciliou o mundo consigo mesmo (2Co 5.19).

LEITURA COMPLEMENTAR

Jesus foi um personagem muito importante não só para a fé cristã, mas também para a história em geral. Por isso, disponibilizamos para você algumas curiosidades e informações históricas. Nas horas vagas você poderá ler este conteúdo e conhecer um pouco mais sobre a vida e obra de Jesus Cristo.

FONTES DE INFORMAÇÃO SECULAR REFERENTES A CRISTO

- Josefus, em seu livro Antiquidades, fala de Jesus como sendo um homem sábio que fez coisas maravilhosas, trazendo para si muitos judeus e gentios. Diz também que Pilatos o condenou à morte influenciado pelos líderes judeus, mas ressuscitou no terceiro dia, como dito pelos profetas, e, por isso, seus seguidores não o abandonaram, criando a “tribo” dos cristãos, a qual ainda existia nos tempos de Josefus.
- Tácito, historiador romano do século II, ao escrever sobre o reinado de Nero, disse que este culpou os cristãos pelo incêndio de Roma, para desviar de si mesmo os rumores de que ele era o culpado. Tácito disse também que Cristo, fundador do cristianismo, foi condenado à morte por Pôncio Pilatos, governador da Judeia, durante o reinado de Tibério, mas que a superstição (sobre a ressurreição de Cristo), que tinha sido suprimida por um tempo, se espalhou novamente pela Judeia e pela cidade de Roma.
- Sütônio disse que o castigo de Nero foi infligido aos cristãos, uma classe de homens dedicados a uma nova e danosa superstição.
- Plínio, correspondente de Trajano, disse em uma de suas cartas sobre os cristãos que ele encontrara na Ásia, que tinham o hábito de se encontrarem antes do sol nascer, em um dia fixo, para cantar hinos a Cristo, como que para um deus, e se comprometiam a um juramento solene a nunca cometer fraude, roubo, adultério, nunca dizer falso testemunho nem negar uma verdade quando fossem chamados a falar.
- Luciano, satírico do segundo século, falou de maneira desdenhosa de Cristo e dos cristãos. Ele os conectou com as sinagogas da Palestina e se referiu a Cristo como o homem que foi crucificado na Palestina porque introduziu um novo culto no mundo. Além disso, o primeiro legislador dos cristãos os convenceu de que eles eram todos irmãos, uma vez que negaram os deuses gregos e passaram a adorá-lo, o sofista

crucificado, vivendo sob suas leis.

- Negaram os deuses gregos e passaram a adorá-lo, o sofista crucificado, vivendo sob suas leis.

Esses relatos foram escritos por homens que eram ignorantes sobre a história do movimento e mostram que o cristianismo já tinha se espalhado no segundo século, e que a existência histórica de Jesus é aceita até por seus opositores. A natureza dessas referências mostra que ele era visto como um fanático obscuro, a quem o culto alcançou uma proeminência muito maior do que se poderia esperar.

Uma biografia completa de Jesus não pode ser feita a partir dos evangelhos, porque eles não são exaustivos, quase nada é dito dos trinta primeiros anos de Jesus. Dos quatro, Lucas é talvez o mais representativo, embora não fale do ministério inicial na Judeia, mencionado por João. Nenhum deles faz uma descrição física de Jesus, embora alguns fatos sobre sua aparência talvez fossem conhecidos pelos autores. Apenas Lucas fala um pouco sobre sua juventude.

Os evangelhos se ocupam mais em apresentar uma pessoa do que em escrever uma história. O importante não é a completude ou a ordem do registro, mas sua significância. As diferenças entre eles indicam que são suplementares. A concordância de vários trechos reforça a conclusão de que uma grande gama de conhecimento sobre Jesus era parte do ensinamento da igreja primitiva, e que era baseado em informações válidas de testemunhas.

Nenhum dos períodos da vida de Jesus é cronologicamente exaustivo, nem mesmo a semana da Paixão, da qual a quarta-feira parece ter sido omitida no registro cronológico.

SOBRE O NASCIMENTO

O Messias deveria nascer em Belém (Miqueias 5.2). A casa de Maria ficava na distante Nazaré. Um alistamento decretado por Augusto César fez com que José e Maria voltassem para a cidadezinha natal deles, Belém. E o mistério das dores de parto surpreendeu Maria longe de casa. A hospedaria estava lotada e o modesto casal só encontrou refúgio no estábulo. Ali, enquanto Augusto se ocupava com os projetos do grande império, Herodes tramava novas vilanias e o mundo seguia o seu próprio curso, todos inconscientes do acontecimento momentoso que se passava, o Filho de Deus estava nascendo.



SOBRE A CRUCIFICAÇÃO

Eram, aproximadamente, nove horas da manhã quando a ordem da crucificação foi dada. Jesus padeceu fora da cidade (Hebreus 13.12), num local chamado em hebraico de Gólgota; em grego, cranion; em latim, calverium (calvário), que em todas as línguas significa “caveira”. Provavelmente, tratava-se de um outeiro com o formato de uma caveira, a noroeste da cidade.

Jesus prosseguiu carregando a cruz, mas antes de chegar ao Gólgota, os guardas pegaram um jovem cireneu e colocaram a cruz em seus ombros, talvez porque o peso fosse demais para a condição de Jesus, exausto pela noite, não dormida, e pelos sofrimentos da manhã. Alguns, mesmo nas altas horas da noite, estiveram por perto para lamentar a sua sina. Os lábios, há tanto tempo silenciosos diante dos insultos, agora se abriam em compaixão não de si mesmo, mas daqueles que logo seriam esmagados na iminente destruição de Jerusalém.

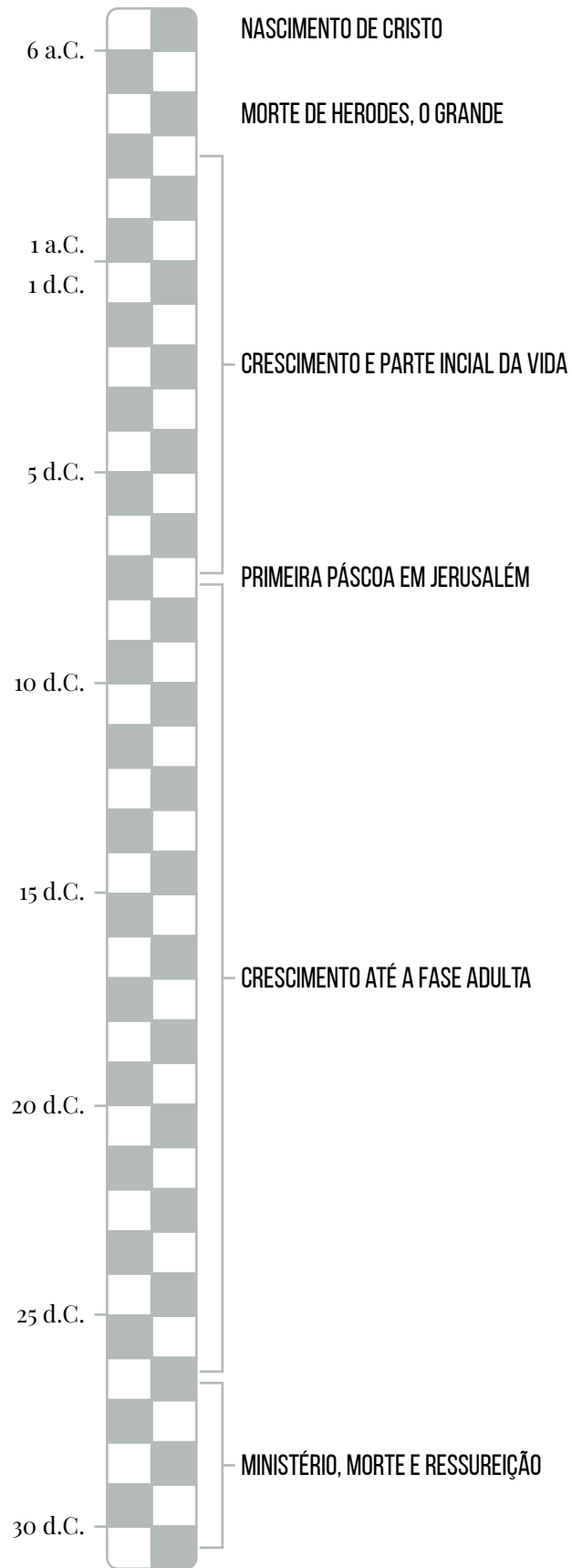
Dois salteadores, ou ladrões de estrada, foram crucificados com Jesus. A crucificação era o estilo de execução que os romanos usavam para os piores criminosos. As mulheres de Jerusalém, movidas por compaixão, costumavam preparar uma bebida entorpecente para tais ocasiões. Tal alívio foi, então, oferecido a Jesus, mas Ele se recusou a obscurecer suas faculdades mentais ainda que para atenuar a dor.

No momento do seu grito de expiração, a terra sentiu o abalo de um terremoto. O véu do templo se rasgou de cima a baixo. Os homens se encheram de pavor. Até o centurião romano foi constrangido a dizer: “Verdadeiramente este era Filho de Deus” (Mateus 27.54; Marcos 15.39).

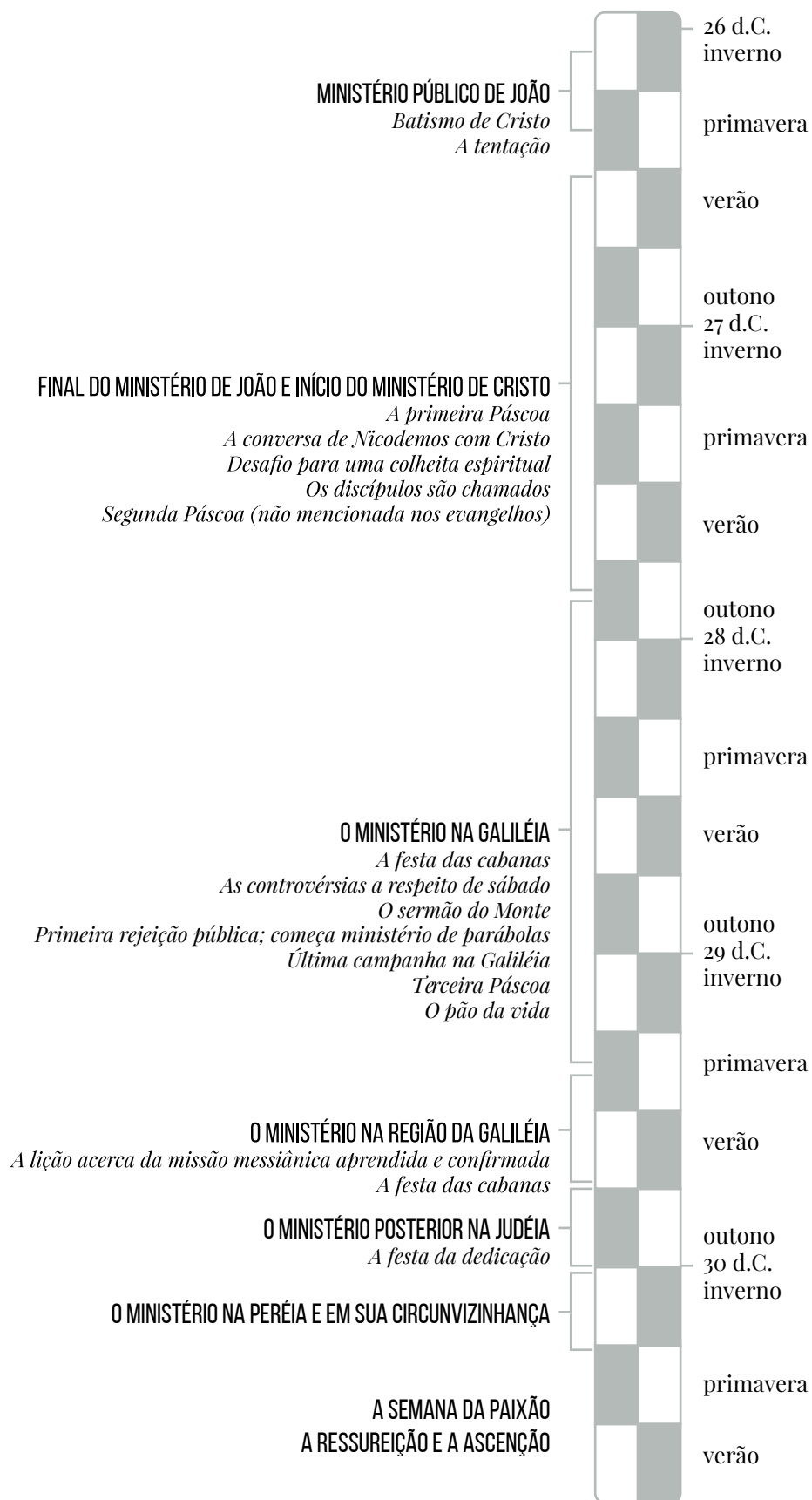
O dia seguinte à crucificação era um sábado importante. Os judeus foram capazes de cometer um assassinato, mas não se permitiam violar cerimonialmente o sábado; os corpos não podiam permanecer nas cruzes após o pôr do sol. Para adiantar a morte, quebravam-se as pernas do crucificado, mas Jesus já estava morto, como comprovou o coágulo formado após o golpe de lança do soldado. Duas profecias foram assim involuntariamente cumpridas (Salmos 34.20; 22.16, 17). O corpo de Jesus foi entregue a dois discípulos, José de Arimateia e Nicodemos. Mãos amorosas o prepararam para o sepultamento no novo túmulo de José e, a pedido dos judeus ainda temerosos, o selo romano e uma guarda romana mantiveram o sepulcro seguro.

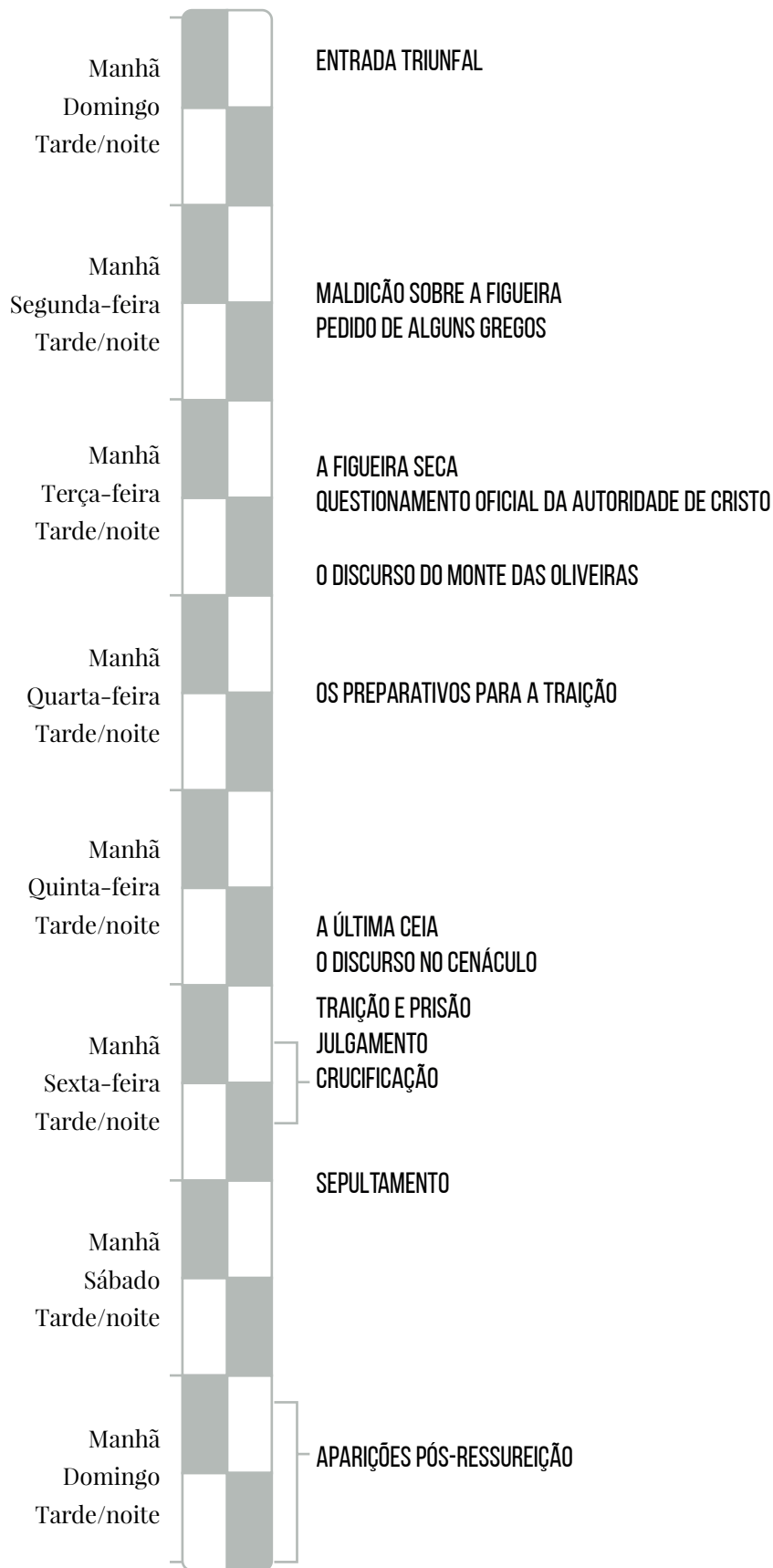


A VIDA DE JESUS



O MINISTÉRIO DE CRISTO







A P O S T I L A D E B A T I S M O

05

O ESPIRITO SANTO





O ESPÍRITO SANTO

Nesta lição vamos estudar acerca do Espírito Santo. Observe o que está escrito em João 1. 12-13:

“Mas, a todos quantos o receberam, deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus, a saber, aos que creem no seu nome; os quais não nasceram do sangue, nem da vontade da carne, nem da vontade do homem, mas de Deus”.

Quando você recebeu Jesus Cristo como o seu Senhor e Salvador, recebeu também o direito de ser chamado filho de Deus. Porque Deus te amou de tal maneira, Ele deu o seu próprio Filho por você, e, ao crer nEle, você foi adotado pelo próprio Deus.

Na Roma antiga, um filho adotado era um filho definitivamente escolhido por seu pai, para perpetuar o seu nome e herdar a sua propriedade. Ele não era em nada inferior a um filho legítimo, antes, adentrava completamente à família. Mas não apenas isso. O filho adotado também era uma espécie de embaixador, um representante legal do Pai.

Em outras palavras, quando Deus olha para nós, enxerga apenas seu filho Jesus Cristo, que sempre viveu em comunhão com Ele. E é o Espírito Santo que nos confirma tudo isso. Ele, de um modo sobrenatural, comunica conosco que somos filhos de Deus.

Veja o que o apóstolo Paulo nos escreve em 2Coríntios 1.21-22:

“Mas aquele que nos confirma convosco em Cristo e nos ungiu é Deus, que também nos selou e nos deu o penhor do Espírito em nosso coração”.

E em Efésios 1.13-14:

“Em quem também vós, depois que ouvistes a palavra da verdade, o evangelho da vossa salvação, tendo nele também crido, fostes selados com o Santo Espírito da promessa; o qual é o penhor da nossa herança, ao resgate da sua propriedade, em louvor da sua glória”.

O apóstolo diz que fomos selados pelo Espírito e que o Espírito é o penhor da nossa herança. O selo daquela época era o selo real, aquele selo oficial que era colocado em uma carta ou documento importante. Esse selo garantia a autenticidade do documento, pois apenas o dono ou o destinatário da carta era quem poderia removê-lo, ninguém mais. Era como se fosse uma assinatura reconhecida em cartório.

Em outras palavras, quando o Espírito Santo nos “sela”, Ele mesmo está garantindo que você nunca será extraviado do seu destino, que é estar na presença de Deus. Você agora tem a assinatura de Deus em você, é o Espírito Santo na sua vida. E ninguém tem o poder de removê-lo de você. Ele é o penhor, o próprio Espírito é a garantia. Ele intercede por nós, vive conosco e nos guia em toda a verdade. Em outras palavras,



o Espírito Santo é o próprio mensageiro que nos leva como cartas autênticas para Deus. É Ele quem nos entregará para Deus.

Vejamos um último texto:

“Sabemos que, se a nossa casa terrestre deste tabernáculo se desfizer, temos da parte de Deus um edifício, casa não feita por mãos, eterna, nos céus. E, por isso, neste tabernáculo, gememos, aspirando por sermos revestidos da nossa habitação celestial; se, todavia, formos encontrados vestidos e não nus. Pois, na verdade, os que estamos neste tabernáculo gememos angustiados, não por querermos ser despedidos, mas revestidos, para que o mortal seja absorvido pela vida. Ora, foi o próprio Deus quem nos preparou para isto, outorgando-nos o penhor do Espírito” (2Co 5.1-5).

Habitamos numa “casa terrestre”, onde existem dores e sofrimento. No entanto, esperamos por uma “casa celestial”, que é eterna e perfeita. E foi exatamente para essa morada celeste que Deus nos deu o seu Espírito como penhor, como garantia que temos essa morada celestial.

Na vida teremos aflições tanto por causa do pecado que impera no mundo, quanto pela nossa própria natureza pecaminosa que, muitas vezes, nos impede de fazer a vontade de Deus. Mas, ainda sim, existe uma promessa: o mesmo Espírito Santo que nos confirma que somos filhos de Deus, o mesmo Espírito Santo que nos sela e autentica que pertencemos a Deus, é também o mesmo Espírito Santo que nos garante que essa promessa de vida eterna será cumprida em nossas vidas.

Que possamos viver nessa perspectiva, não terrena e frágil, mas eterna. Que possamos viver cheios de esperança, mesmo nos dias mais tristes da nossa existência.

O MINISTÉRIO DO ESPÍRITO SANTO

Antes de falarmos exclusivamente da pessoa do Espírito Santo, vamos recapitular a forma básica da doutrina da Trindade:

1. Deus é três pessoas.
2. Cada pessoa é plenamente Deus.
3. Há um só Deus.

É importante ressaltar que existem muitas analogias (comparações) para tentarmos entender como é isso, mas o fato é que nenhuma é suficientemente boa o bastante para entendermos essa complexidade do ser divino.



O ESPÍRITO SANTO É UMA PESSOA

O Espírito é um ser pessoal, sendo distinto do Pai e do Filho. Algumas heresias o colocam como uma força impessoal, apenas a manifestação do poder de Deus. Mas isso não é correto. O fato é que o Espírito Santo é uma pessoa:

1. Possui os elementos essenciais à personalidade:
 - a) Inteligência (mente, intelecto): Is 40.13-14; Jo 14.26; 15.26; At 15.28; Rm 8.27; 1Co 2.10-12.
 - b) Vontade: Sl 106.32-33; Is 34.16; At 13.2; 16.7; 21.11; 1Co 12.11; 1Tm 4.1.
 - c) Sentimentos: Mq 2.7 (irritação); Rm 15.30 (amor); Is 63.10 e Ef 4.30 (tristeza).
2. Atos pessoais são atribuídos ao Espírito: trabalha (1Co 12.11), intercede (Rm 8.26-27), proíbe (At 16.7), decide (At 15.28), fala (At 13.2; Ap 2.7), testifica (At 5:32; Rm 8.16), ensina (Ne 9.20; 1Co 12.3), consola (At 9.31), regenera (Tt 3.5), ora (Rm 8.26), guia à verdade (Rm 16.13), glorifica a Cristo (Rm 16.14), chama os homens ao trabalho, dirigindo-os nessa atividade (Is 61.1; At 13.2-4; 16:6-7; 20.28), etc.

O ESPÍRITO SANTO É DEUS

O Espírito não é apenas uma pessoa. Ele é uma pessoa divina.

- 1.0 Espírito é chamado Deus (At 5.3-4).
2. Perfeições divinas são atribuídas a Ele: santidade (Jo 14.26; Is 63.10), onipresença e imensidão (Sl 139.7-10; Jr 23.24), onipotência (Lc 1.35; Rm 15.19), onisciência (Is 40: 13-14; Rm 11.34; 1Co 2.10-11; Jo 16.13; 2Pe 1.21), liberdade soberana (Is 40.13; 1Co 12.11; Hb 2.4), eternidade (Hb 9.14; Gn 1:2), glória (1Pe 4.14), graça (Hb 10.29), vida (1Co 15.45; Rm 8.11).
3. Realiza obras divinas: o Espírito Santo como ser pessoal é o agente executivo da Trindade: Na criação (Gn 1.2-3; Jó 33.4; Sl 33.6), na preservação e no governo (Jó 26.13; 33.4; Sl 104.30), na inspiração das Escrituras (2Pe 1.20-21; 2Tm 3: 16), na regeneração (Jo 3.5-6; Tt 3.5), na revelação de eventos futuros (Lc 2.26; Jo 16.13; At 11:28; 1Tm 4:1), na ressurreição (Rm 8.11; 1Pe 3:18), na concessão de dons (1Co 12.4-11), no governo da Igreja e na tomada de decisões (At 15.28), na vocação de servos (At 13.2; 20.28), na iluminação (Ef 1.17-18), na santificação (2Ts 2.13; 1Pe 1.2), nos milagres (Mt 12.28), etc.
4. É adorado (Lc 2.25-29; At 4.23-25; At 1.16,20; Ef 2.18). O culto



- deve ser prestado a Deus (o Pai), ao Filho e ao Espírito Santo.
5. É posto em igualdade com o Pai e o Filho (Mt 28.19; 2Co 13.13). O fato da Bíblia relacionar as três pessoas da Trindade no batismo e na bênção apostólica, atesta a igualdade da Trindade em poder e glória. Quando o nome de Deus se junta com o do Filho e do Espírito Santo, assume o caráter de perfeição e plenitude (Mt 28.19).
 6. Peca-se contra o Espírito (Mt 12.31-32). A imperdoabilidade desse pecado envolve o fato do Espírito Santo ser Deus. Se o Espírito fosse apenas uma força, não se pecaria contra Ele. Se, em contrapartida, fosse apenas um ser pessoal finito, o pecado contra Ele não seria imperdoável. (Is 63: 10; At 5.3).
 7. O templo do Espírito é o templo de Deus (Rm 8.9-10; 1Co 3.16; 6.19). O que nos qualifica como “templos de Deus” é a habitação do Espírito Santo em nós. Logo, somos “templo do Espírito”, porque Deus habita em nós.

SUA ATUAÇÃO

- Na salvação

1. Convence-nos do pecado, da justiça e do juízo (Jo 16.7-11). Não são argumentos humanos, convincentes ou não, que convencem o homem, mas o Espírito. Ao agir em nós, Ele nos dá consciência de nossos pecados, fazendo-nos pela graça voltar arrependidos para Cristo. A ação do Espírito convence os homens de seus pecados, conduzindo-os ao arrependimento a fim de que sejam salvos pela justiça de Cristo (1Co 1.30).
2. Regenera-nos, concedendo-nos vida. O Espírito é vida (Rm 8.2; Jo 6.63; 2Co 3.6; Gl 6.8). Antes, estávamos mortos, incapazes de atender às reivindicações de Cristo e de ver o glorioso reino de Deus. É o Espírito quem nos capacita a receber a graça, iniciando uma nova vida em nosso coração, na qual temos os olhos abertos e o coração voltado para a Palavra de Deus. Antes, amávamos o pecado, agora, nos agrada fazer a vontade de Deus (Sl 119.16,77,97-105; 1Jo 5.1-5).
3. Justifica-nos (1Co 6.11). Jesus Cristo cumpriu a lei. Ele é nossa justiça (1Co 1.30). O Espírito aplica em nós a justiça de Cristo, por isso, somos declarados justos diante de Deus (Rm 3.4; 4.25; Tt 3.6-7; 1Co 6.11). Quando Deus, livre e soberanamente, nos declara justos, efetua uma mudança radical na nossa situação: antes, como pecadores condenados, estávamos aguardando a sentença condenatória, agora, como pecadores regenerados e justificados, somos seus herdeiros, aguardando a plena manifestação da herança incorruptível (Rm 8.17).
4. Faz-nos reconhecer e confessar o senhorio de Cristo. Somente pelo Espírito podemos de fato reconhecer e confessar Cristo como Senhor



- de nossa vida, vivendo de forma coerente com essa confissão (Mt 22.43; 1Co 12.3; Rm 10.9-10).
5. Ilumina-nos. O Espírito nos capacita a entender a Palavra de Deus para que possamos cumpri-la. É por meio da iluminação do Espírito que compreendemos as Escrituras (1Co 2.9-12; Tg 1.22-25).
 6. Santifica-nos. Esse ponto é, de certa forma, decorrente do anterior. O caminho do conhecimento das Escrituras é a rota da santificação. Deus nos escolheu em Cristo para salvação. Pela santificação do Espírito Santo fortalece a nossa fé por meio da Palavra da Verdade (2Ts 2.13).
 7. Dá-nos a vida eterna. Quando vivemos sob a direção do Espírito, temos a certeza de que Ele nos dará a vida eterna. Paulo escreve aos gálatas: “Porque o que semeia para a sua própria carne da carne colherá corrupção; mas o que semeia para o Espírito do Espírito colherá vida eterna” (Gl 6.8; Fp 1.6).

- Na Igreja

- 1.0 Espírito Santo é o nosso intercessor espiritual (Rm 8.26-27). O Espírito Santo nos assiste em nossa fraqueza. A força não vem de dentro, mas do alto. Ele não nos despreza porque somos fracos, Ele nos assiste.
- 2.0 Espírito Santo é quem nos dá vitória sobre o pecado (Gl 5.16,24). Só mediante a força e o poder do Espírito Santo que se pode crucificar a carne com suas paixões e desejos. Só quando somos cheios do Espírito Santo podemos vencer o pecado que tenazmente nos assedia.
- 3.0 Espírito Santo é quem nos dá poder (Lc 3.16; 3.21-22; 4.1; 4.14; 4.17-18; 24.49; At 1.3-5,8; 2.4; 4.8; 4.31; 1Co 2.3-5; 1 Ts 1.5). Precisamos do revestimento do poder para testemunhar, para viver, para morrer, para perdoar, enfim, para fazer a obra (Zc 4.6).
- 4.0 Espírito Santo é quem nos concede dons. Em 1Coríntios 12.7, Paulo chama os dons espirituais de “manifestações do Espírito”. E depois diz que, quando usamos os dons, é o mesmo Espírito que realiza todas as coisas conforme sua vontade (1Co 12.11). Os dons são manifestações, porque neles O Espírito Santo se manifesta. Em outras palavras, Ele torna conhecido o seu cuidado por nós e a sua vontade.
- 5.0 Espírito Santo nos leva constantemente para perto de Cristo (Jo 16.13,14).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Espírito Santo é a terceira pessoa da Trindade. É Ele quem nos comunica que somos legalmente filhos de Deus. É Ele quem nos comunica que somos intimamente filhos. É Ele quem nos comunica que somos totalmente dependentes do Pai.





A P O S T I L A D E B A T I S M O



EU FUI SALVO DO QUÊ?





EU FUI SALVO DO QUÊ?

O ser humano foi criado à imagem e semelhança de Deus (Gn 1.27). Ele é o ápice da sua criação. Adão e Eva desfrutavam de um perfeito relacionamento com Deus (Gn 3.8), em um mundo livre de deficiências e doenças (Rm 5.12), contudo, o pecado entrou no jardim do Éden:

“Vendo a mulher que a árvore era boa para se comer, agradável aos olhos e árvore desejável para dar entendimento, tomou-lhe do fruto e comeu e deu também ao marido, e ele comeu” (Gn 3.6).

O PECADO

Adão e Eva cobiçaram a fruta. Porém, havia um princípio de ordem e “conhecimento do bem e do mal” (Gn 2.17). Comer não é errado, mas, naquele momento, seria. Comer o fruto naquele momento representava outra coisa: desejar ser como Deus. Não comer o fruto era permanecer sob a ordem e dependência de Deus. Representava obediência do homem perante o seu Criador.

Era Deus quem deveria ensinar ao homem tudo o que está relacionado ao bem e ao mal. Contudo, o homem se precipitou, desejou ser independente e conhecer por si só. O que ele não tinha consciência era que, como consequência disso, passaria a experimentar o mal e suas consequências para só então perceber o bem que ele perdeu.

É interessante observarmos as raízes do pecado que surgiram nesse relato da queda. A primeira raiz era a incredulidade de não confiar na palavra de Deus ou ignorá-la, deixando a mente ser corrompida. Em seguida, temos a raiz da cobiça se alastrando, os maus desejos tendo espaço e, por fim, a corrupção das emoções. A terceira raiz é o orgulho de querer experimentar por si só as coisas de modo independente de Deus. Assim, pelo pecado original, podemos inferir que todo pecado possui estas três raízes: incredulidade, cobiça e orgulho.

A partir do momento em que Adão pecou, ou seja, fez o que era mal aos olhos de Deus, toda a humanidade descendente dele passou a ter a natureza pecaminosa (Rm 5.12-14). O pecado foi imputado a todos os homens e não há nenhum que não peque. Essa herança trouxe consigo malefícios incalculáveis, de maneira a desequilibrar completamente a liberdade de decidir e escolher. O ser humano passa a sofrer uma pesada pressão para fazer o mal. É claro que isso não quer dizer que ele não tenha a capacidade de fazer o bem, mas, normalmente, sua tendência será



sempre buscar satisfazer os seus interesses, ser mesquinho e egoísta.

Em Adão todos os homens se tornaram pecadores:

- Toda humanidade está envolvida e afetada pela desobediência de Adão;
- A queda afetou o caráter moral do ser humano, e todas as deficiências morais (como, luxúria e ganância, por exemplo) são atribuídas ao pecado original;
- A predisposição da natureza humana para o pecado possui um grande peso em relação ao pecado original.

A própria sociedade dita “civilizada” já demonstra as consequências do pecado. As leis aparecem porque não é possível confiar no ser humano. Uma promessa não basta, é necessário contrato. Portas não bastam, precisa-se de trancas e alarmes. Apenas a lei e a ordem não são suficientes, precisa-se da polícia para garanti-las.

A própria cruz do Calvário demonstra o quão terrível é o nosso pecado diante de Deus. O pastor Ariovaldo Ramos diz que “o pecado é como uma bomba de antimatéria lançada no universo, onde tudo desintegraria se não fosse o sangue do Cordeiro”. As consequências do pecado para toda a humanidade foram desastrosas. Cada vez mais o que vemos são as pessoas mais egoístas e mais longe de Deus (2Tm 31.9).

AS CONSEQUÊNCIAS DO PECADO

- **Depravação:** significa que a capacidade mental, moral, social, criativa e espiritual foram distorcidas pelo pecado. A verdadeira imagem de Deus em nós foi distorcida e, por isso, ela deve ser refeita nos seres humanos.
- **Enfraquecimento da consciência:** a consciência se tornou equivocada ou adormecida. Criou-se a necessidade dela ser educada pela Palavra de Deus e despertada pelo seu Espírito. A natureza pecaminosa distorceu, mas não a destruiu.
- **O “eu” dividido:** somos prisioneiros de uma natureza corrupta. Somos, em parte, resultado da criação (imagem de Deus) e, em parte, resultado da queda (imagem desfigurada). Tudo o que faz parte da criação (racionalidade, senso moral, masculinidade e feminilidade, anseio por amor e comunhão com o próximo, senso de administração do meio ambiente, senso divino e ímpeto de adoração a Deus) deve ser afirmado. Cristo veio para redimir essa natureza, porém, tudo o que faz parte da queda (irracionalidade, perversão moral, perda da identidade sexual, nossa poluição e destruição do meio ambiente, nosso egoísmo e individualismo, nossa negligência para com Deus)



deve ser negado. Cristo veio para destruir essa natureza.

- **A sociedade imperfeita:** em todo lugar onde há o ser humano, haverá imperfeição. Não há como erradicar todo o mal, também não devemos parar de nos esforçar para deixar a sociedade mais agradável a Deus. Mas não devemos nos iludir achando que chegaremos lá por nosso esforço. Antes, a sociedade será perfeita quando Cristo vier em glória erradicar o mal e estabelecer a justiça para sempre.
- **A morte:** a morte veio com o pecado. Ela é a punição para o pecado. A morte é também um rebaixamento, uma degradação, como se o ser humano fosse apenas mais um dos animais criados (Sl 49.12; Ec 3.19). Além da morte física, temos a morte espiritual. Além de degenerar progressivamente em sua vida, o ser humano está morto espiritualmente por causa do pecado (Ef 2.1).

A SALVAÇÃO

Resumindo, no jardim do Éden o conceito de pecado foi introduzido. O homem desobedeceu a Deus, trazendo assim a necessidade de salvação. A salvação é a liberdade do justo julgamento de Deus por nossos pecados, da culpa e de nossa consciência culpada para que nos tornemos filhos reconciliados e perdoados de Deus. Por meio dela, nos relacionamos com Ele, reconhecendo-o como nosso Pai. A salvação se fundamenta na vida, morte e ressurreição de Jesus.

O QUE EU PRECISO PARA SER SALVO?

“Porque pela graça sois salvos, mediante a fé; e isto não vem de vós; é dom de Deus” (Ef 2.8).

Percebemos, então, que a salvação não tem a ver com algo nosso, tem a ver com algo de Deus. Contudo, o que é essa graça que Paulo falou aqui? Para entendermos a amplitude da graça e, conseqüentemente, da redenção, precisamos de um panorama um pouco maior da história da redenção.

- At 17.28: “Pois nele (em Deus) vivemos, e nos movemos, e existimos”.
- Rm 3.12: “(de Deus) todos se extraviaram”.

Se é em Deus que temos a existência, pular para fora de Deus é pular para o nada, para a não existência. Assim, quando Adão pecou, era como se ele tivesse pulado para fora de Deus, para um lugar onde tudo deveria ter deixado de existir. E por que tudo? Porque toda a criação estava “pendurada” no homem. Deus deu a ele autoridade sobre toda a Sua criação (Gn 1.28), por isso o universo inteiro deveria ter sido eliminado com a queda.



E por que não foi? Se Deus é Santo, se somos pecadores e nada existe fora de Deus, como um Deus Santo carrega em si pecadores? Era para a santidade de Deus ter nos lançado para a inexistência. E seja lá o que for que tenha mantido a nossa existência, não há nada a ver conosco. É dom de Deus.

Sim, a nossa salvação começou a partir dessa disposição de Deus, que manteve e mantém toda a criação. A essa disposição o apóstolo Paulo chama de graça. Entender graça por apenas “favor imerecido” nem chega perto do seu real sentido e significado.

Por meio da graça, Jesus, o Filho de Deus, veio nos redimir (Jo 1.29). Pense naquela ideia de comprar um escravo ou prisioneiro de guerra e conceder a ele a liberdade novamente. Éramos escravos do pecado (Rm 6.20) e, por consequência, do maligno (Cl 1.13), e fomos libertos de ambos por meio de Jesus Cristo (Cl 1.14).

O PREÇO PAGO NA CRUZ NOS TROUXE

- **Regeneração:** é a ação do Espírito Santo em nós, produzindo a capacidade de crermos na obra de Deus (Tt 3.4-7). A partir do momento que cremos, o Espírito passa a atuar em nossa vida progressivamente sobre a nossa mente e vontade, imprimindo em nós o caráter de Cristo (graça) (Ez 36.25-27; Hb 12.14-17).
- **Justificação:** só havia uma forma do ser humano ser justificado: pagando o salário do pecado (Rm 6.23). De fato, morremos – não na nossa pessoa, mas na pessoa de Jesus (graça). Unidos a Ele em fé na morte, também ressuscitamos na sua ressurreição. A vida de pecado termina, pois estamos mortos para ele e a nova vida dos pecadores justificados se inicia (Rm 6.4-7). Nesse momento, Deus nos declara justos a partir do comprometimento em absoluta confiança com Jesus Cristo (Rm 4.23-25).
- **Reconciliação:** é o ato voluntário que Deus (graça), por meio de Jesus, nos reconcilia consigo mesmo e, com isso, nos torna também reconciliáveis com todos os seres humanos (Cl 1.20; 2Co 5.18, 19; Rm 5.8-11).
- **Santificação:** quando uma pessoa se converte, ela é santificada pelo Espírito Santo (graça) (1Co 1.2; 2Ts 2.13). Mas a santificação também envolve uma resposta humana (Rm 6.19; 2Co 7.1). Não somos nós que nos santificamos, é Deus quem nos santifica. Mas cabe a nós buscarmos de Deus essa santificação.
- **Glorificação:** é a restauração da imagem inicial (Gn 1.26) de forma progressiva na vida cristã. É Cristo quem nos glorifica (graça) à medida que nossa busca por Ele se intensifica. Durante toda a nossa



vida deve ser assim, dia após dia. Até o dia em que estaremos totalmente com Ele e totalmente transformados (2Co 3.18).

Sendo assim, ser salvo quer dizer ter a vida modelada por Cristo. A pessoa tem em Cristo um exemplo de relacionamento ideal com Deus e com o próximo, e se esforça para reproduzir em sua vida esse tipo de relacionamento.

A vida cristã é um processo em que somos conformados (tomamos a forma) à imagem de Cristo em nós (2Co 5.17). Deus, além de expandir a consciência (o que chamamos de metanoia, traduzido apenas por arrependimento) dos que envolve, abre também um leque extraordinário de possibilidades. Deus permite ao homem ser gente, como gente deve ser. Não só o salva como o possibilita desenvolver a sua salvação:

- Dizer não à natureza caída
- Dizer sim à natureza de Cristo
- Andar nas boas obras que ele, de antemão, preparou para que andássemos nelas.

Deus nos deu condições de caminhar na direção de ser tudo o que Ele quer que sejamos: gente como Jesus de Nazaré. O segredo é o quanto cremos (fé = confiança) em Deus. Deus não conta com a nossa força, pois o poder dEle se aperfeiçoa em nossa fraqueza (dependência).

Simplesmente nos basta a graça de Deus. Ela é um presente divino. Crer é tomar como fonte da verdade para si e sobre si tudo o que Deus diz, de modo que tudo o que nos aproxima de ser como Jesus é aceito, e tudo o que disso nos afasta é rejeitado. Essa é a fé que agrada a Deus. Assim, essa fé produz as boas obras que Deus quer que andemos nelas (Ef 2.10):

1. Amar a Deus acima de todas as coisas:

- Sempre decidir por Deus, no pensamento, no sentimento e nas obras que é oferecer o corpo por sacrifício vivo (Rm 12.1-2).
- Sempre pensar com as categorias de Deus (Cl 3.2; Fp 4.8).

2. Amar o próximo como a si mesmo:

- Tratar o outro como você gostaria de ser tratado (Mt 7.12).



E QUEM PODERÁ SER SALVO?

- Aquele que crê em Jesus (Jo 3.16);
- Aquele que se arrepende dos seus pecados (1Jo 1.9);
- E passa a cumprir a vontade de Deus (1Jo 2.4).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Você, que agora crê em Jesus, foi salvo do pecado e de todas as suas consequências. Por meio da graça, o nosso relacionamento com Deus foi restaurado e hoje podemos ter uma nova vida modelada por Cristo.







A P O S T I L A D E B A T I S M O

07

NÃO OLHE PARA TRÁS





NÃO OLHE PARA TRÁS

Agora que você acredita em Jesus, tem uma nova vida e um novo Senhor, por isso o inimigo não tem mais o direito de agir em você. Contudo, para viver essa nova vida, você precisa abrir mão da sua antiga forma de viver. Isso implica em quebrar certos vínculos com o seu passado. Observe o que a Bíblia diz em 1 Coríntios 6.9-11:

“Ou não sabeis que os injustos não herdarão o reino de Deus? Não vos enganéis: nem impuros, nem idólatras, nem adúlteros, nem efeminados, nem sodomitas, nem ladrões, nem avaros, nem bêbados, nem maldizentes, nem roubadores herdarão o reino de Deus. Tais fostes alguns de vós; mas vós vos lavastes, mas fostes santificados, mas fostes justificados em o nome do Senhor Jesus Cristo e no Espírito do nosso Deus”.

Para avançarmos, precisamos encerrar o nosso antigo modo de viver. Em Lucas 19, vemos que Zaqueu, depois de crer em Jesus, compreendeu que havia extorquido muitas pessoas no seu passado e tinha uma atitude mesquinha e avara com relação ao dinheiro. Então, ele disse a Jesus que se tivesse tomado algo de alguém indevidamente, restituiria quatro vezes mais. Além disso, estava disposto a dar a metade de seus bens aos pobres. Dessa forma, ele abandonou o seu passado e começou a sua vida em Deus. Os irmãos em Éfeso, depois de convertidos, reuniram seus livros de magia e os queimaram diante de todos: *“Também muitos dos que haviam praticado artes mágicas, reunindo os seus livros, os queimaram diante de todos”* (Atos 19.19).

Nova vida significa novos hábitos, portanto, abandone o seu passado e se desfaça de qualquer coisa que ainda o prenda a ele. Mas, afinal, quais práticas necessitam ser encerradas?

1. IDOLATRIA

Quando compreendemos o plano redentor de Deus, compreendemos também que somente Cristo deve ser adorado. Observe o que a Bíblia diz sobre esse assunto:

“(...) Deixando os ídolos, vos convertestes a Deus, para servirdes o Deus vivo e verdadeiro” (1 Tessalonicenses 1.9).

“Filhinhos, guardai-vos dos ídolos” (1 João 5.21).

“Não farás para ti imagem de escultura, nem semelhança alguma do que há



em cima no céu, nem embaixo na terra, nem nas águas debaixo da terra” (Deuteronômio 5.8).

Que todas as áreas da nossa vida sejam transformadas de acordo com a Palavra de Deus. A sua sorte não é mais governada por algum tipo de acontecimento, objeto, número ou cor. Por isso, afaste-se dos ídolos e rejeite qualquer ensino maligno.

2. COISAS INJUSTAS

Zaqueu nos dá um bom exemplo sobre esse assunto. Se você, por exemplo, roubou de alguém mil reais antes de se converter, provavelmente agora, depois de convertido, você encontrará dificuldade para pregar o evangelho para essa pessoa se a fraude não for resolvida. Você já foi perdoado por Deus, mas a sua imagem de cristão ficará comprometida se isso não for resolvido.

Zaqueu, ao devolver o dinheiro que havia roubado, trouxe um grande impacto sobre o seu testemunho diante dos homens. Naquela ocasião, as pessoas diziam que Jesus estava indo para a casa de um pecador e reclamavam o quanto aquele homem havia roubado os outros. Zaqueu então se levantou e disse: “(...) se nalguma coisa tenho defraudado alguém, restituo quatro vezes mais”. Essa devolução não era uma condição para se tornar um filho de Deus, nem era um pré-requisito para receber a salvação. Antes, era a consequência de ter se tornado filho de Deus, o resultado da salvação ter entrado em sua vida.

Como um novo convertido, você deve perguntar a si mesmo se de alguma forma tem defraudado alguém ou obtido qualquer coisa de maneira injusta e desonesta. Se a sua resposta for sim, confesse os seus pecados e abandone as faltas cometidas.

3. COISAS IMPRÓPRIAS

Coisas impróprias são diferentes de coisas ilegais ou injustas. Há coisas que são impróprias para um filho de Deus, mas que são permitidas legalmente. Morar junto antes de casar, embriaguez, cigarros e jogos de loteria são legais perante a lei, contudo, são práticas que não estão de acordo com a Palavra, sendo assim, impróprias para um cristão.

4. RELAÇÕES SEXUAIS ILÍCITAS

Deus nos deu a capacidade de amar e sermos amados, e, para isso, estabeleceu princípios. Deus criou o homem e deu a ele uma companheira (Gn 2.20, 23). A expressão de Adão “esta é agora osso dos meus ossos,



e carne da minha carne”, envolve a satisfação que ele sentia pelo complemento perfeito.

Deus vê o sexo com naturalidade, a afinidade e a atração existiram desde o princípio. Foi Ele que, inclusive, celebrou o primeiro casamento em Gênesis 2.24. A frase “e serão uma só carne” se refere ao aspecto sexual. Contudo, embora o sexo tenha sido criado com um bom propósito, o inimigo se encarregou de denegri-lo e maculá-lo.

O pecado de natureza sexual, como a fornicação, o adultério e a homossexualidade, traz consequências negativas sobre a nossa vida. Leia a história de Davi e veja os efeitos que uma vida sexual fora do propósito de Deus trouxe para a sua vida e família (2 Samuel 12.4-6, 14; 15.30; 16.22; Provérbios 26.2).

Para evitar as relações sexuais ilícitas, fortaleça o seu relacionamento com Deus. A queda não ocorre repentinamente, ela começa com pequenas concessões que abrem a porta para a tentação e, posteriormente, para o pecado. Sendo assim, fortaleça a sua vida de oração e leitura da Palavra. Tome precauções, reconheça suas fraquezas e confesse a Deus os seus pecados (Salmos 32.5). Busque ao Pai e Ele lhe dará a saída para suportar.

5. FALTA DE PERDÃO

Em Mateus, capítulo 18, versículos 23 a 27, Jesus ensina que a nossa capacidade em perdoar está baseada no perdão total que nos foi oferecido por Deus em Cristo Jesus. A cruz e a ressurreição de Jesus são o próprio Deus assumindo a nossa dívida e o nosso lugar. Ele nos perdoa mediante o seu espontâneo amor.

Muitos acreditam que perdoar é esquecer. Isso não é verdade. Há pessoas que realmente perdoam, mas não conseguem esquecer mentalmente, achando assim que realmente nunca perdoaram. Por isso, é necessário fazer distinção entre esquecimento emocional e mental. Lembrar a ofensa de tal modo que ela continue a afetar o relacionamento emocional, não é perdoar. Porém, lembrar a ofensa como um fato consumado, sem significância ou efeito negativo em meu relacionamento, é perdoar.

Na maior parte do tempo, não sentimos vontade de perdoar. Contudo, o perdão não é um sentimento. Mesmo com o nosso orgulho tentando impedir, a direção de Deus precisa ser obedecida (Cl 3.13). É uma decisão proposital, que nos leva a ter atitudes e comportamentos que demonstrem nosso perdão.



Perdoar também não é voltar ao passado. Há pessoas que elaboram uma lista negra de ofensas que foram cometidas contra ela e, na hora certa, em uma situação estratégica, usam a referida lista. Trazer o passado de volta é uma força destrutiva, porque não há nada que você possa fazer para mudar algo que já aconteceu. Não se desligar do passado e prosseguir tentando fingir que nada aconteceu também não é saudável. Leia o que está escrito em Salmos 31. 2-5. Observe como Davi descreve seus sentimentos enquanto ainda não havia confessado a Deus o seu pecado de adultério.

Jesus nos perdoou mesmo sabendo de antemão que seria humilhado e ferido. Quando exigimos mudanças na vida de outra pessoa antes de dar o nosso perdão, nos colocamos no papel de juiz. Deus quer que você perdoe mesmo que não haja mudanças por parte da pessoa que te feriu. A pessoa que não perdoa se fere muito mais do que aquela que não foi perdoada. “Segui a paz com todos, e a santificação, sem a qual ninguém verá o Senhor, atentando diligentemente por que ninguém seja faltoso, separando-se da graça de Deus; nem haja alguma raiz de amargura que, brotando vos perturbe e, por meio dela, muitos sejam contaminados” (Hebreus 12.14, 15).

Perdoar é ter um espírito perdoador como Deus teve para conosco. É considerar o outro, é tirar os olhos de si mesmo, de sua dor e autocomiseração. É dar amor quando se espera ódio. É dar compreensão quando se espera raiva e vingança. É dar liberdade quando o outro merece punição. É recusar buscar a sua própria vontade.

Jesus dará a você a força necessária para fazer isso, pois Ele quer que você perdoe quem te feriu (Colossenses 3.13; Efésios 4.32; Mateus 18.12-35). Você pode orar assim: “Deus, o Senhor sabe que não posso perdoar por minha própria força, mas estou me colocando à sua disposição. Perdoe por meio de mim e me encha de amor por essa pessoa”.

Perdoar é um ato de fé. A restauração da alma pode levar algum tempo, mas espere no Senhor. Jesus é capaz de transformar tudo o que ocorreu de maneira tal, que redunde em bem para a nossa vida, para o outro e para qualquer pessoa envolvida. Liberte a pessoa que te ofendeu e dê liberdade a si mesmo. Permita que o Espírito Santo faça a sua obra de restauração e preencha o seu coração da graça generosa de Deus.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não olhe para trás. O padrão humano é lembrar, mas o padrão de Deus é esquecer. Como alguém que nasceu de novo, saiba que, a partir de agora, os erros, as falhas e os pecados do passado foram apagados diante de Deus. Ele não se lembra dos pecados confessados, e você não precisa



lembrá-lo daquilo que Ele já esqueceu.

“Eu, eu mesmo, sou o que apago as tuas transgressões por amor de mim e dos teus pecados não me lembro” (Isaías 43.25).

“(…) mas uma coisa faço: esquecendo-me das coisas que para trás ficam e avançando para as que diante de mim estão, prossigo para o alvo, para o prêmio da soberana vocação de Deus em Cristo Jesus” (Filipenses 3.13-14).





A P O S T I L A D E B A T I S M O



A COMUNIDADE DOS
SANTOS





A COMUNIDADE DOS SANTOS

Não existe nenhuma igreja perfeita enquanto instituição. Isso porque em todas as igrejas existe o ser humano. Onde existir o ser humano, sempre haverá erros, falhas e frustrações. A igreja perfeita é uma utopia nesta existência. Sempre haverá uma em que as pregações são muito boas, porém deslizam no amor. Outras são zelosas para com os irmãos, mas tolerantes demais ao pecado. Outras, ainda, são santas e amorosas, mas falta um ensino coerente. Enfim, todas são falhas, todas pecam, todas carecem da glória de Deus.

Mas foi exatamente por essa igreja falha, muitas vezes negligente e sem rumo coerente, que Jesus entregou sua preciosa vida. Ele a ama e a aperfeiçoa.

OS PILARES DA IGREJA

“Eles se dedicavam ao ensino dos apóstolos e à comunhão, ao partir do pão e às orações” (At 2.42).

Existem três pilares básicos, mas apenas um alicerce:

“Porque ninguém pode colocar outro alicerce além do que já está posto, que é Jesus Cristo” (1Co 3.11).

O alicerce, ou seja, o fundamento da igreja, é o próprio Senhor Jesus – sua encarnação, vida, morte e ressurreição. Não há outro caminho, outro meio. Ele é o fundador da graça e da salvação eterna, da fé e da esperança, da paz e da alegria.

1. O PILAR DO ENSINO

O ensino ou a doutrina dos apóstolos é a própria doutrina de Cristo. Sem o ensino não há o conhecimento de Deus. Sem o conhecimento não há fé, não há salvação, não há vida (Rm 10.12–17).

É pelo conhecer a Palavra de Deus que somos transformados, que tomamos a forma de Cristo. É pelo conhecer da Bíblia Sagrada que somos confrontados e o que está errado em nós é trazido à tona. Não foi à toa que Jesus disse em João 8.32: “E conhecerão a verdade, e a verdade os libertará”. Sem ensino, a Igreja é levada “por todo vento de doutrina” (Ef 4.14).

2. O PILAR DA COMUNHÃO



A comunhão é a maior prova para o mundo que Cristo é real.

“Um novo mandamento lhes dou: Amem-se uns aos outros. Como eu os amei, vocês devem amar-se uns aos outros. Com isso todos saberão que vocês são meus discípulos, se vocês se amarem uns aos outros” (Jo 13.34,35).

A comunhão é um sinal, é o maior e mais eficaz testemunho para um mundo cada vez mais egoísta e individualista de que Jesus tem agido. Na comunhão não há barreiras, raça, país. Todos somos de Deus. Nela há cura para a alma, há aceitação incondicional, há sorrisos e satisfação. É apenas na comunhão que o mandamento de amar ao próximo é cumprido. Não há outra forma de obedecer esse mandamento divino, não há outro modo, não há outra saída. É apenas na comunhão que você pode deixar de ser você para ser o próximo.

Contudo, bem mais que apenas singelos momentos no culto, a comunhão é um chamado a servir. João entendeu bem o que é comunhão e retratou na sua carta:

“Sabemos que já passamos da morte para a vida porque amamos nossos irmãos. Quem não ama permanece na morte. Quem odeia seu irmão é assassino, e vocês sabem que nenhum assassino tem a vida eterna em si mesmo. Nisto conhecemos o que é o amor: Jesus Cristo deu a sua vida por nós, e devemos dar a nossa vida por nossos irmãos” (1Jo 3.14-16).

“Amados, amemos uns aos outros, pois o amor procede de Deus. Aquele que ama é nascido de Deus e conhece a Deus. Quem não ama não conhece a Deus, porque Deus é amor” (1Jo 4.7,8).

“Ninguém jamais viu a Deus; se amarmos uns aos outros, Deus permanece em nós, e o seu amor está aperfeiçoado em nós” (1 Jo 4.12).

“Se alguém afirmar: “Eu amo a Deus”, mas odiar seu irmão, é mentiroso, pois quem não ama seu irmão, a quem vê, não pode amar a Deus, a quem não vê. Ele nos deu este mandamento: Quem ama a Deus, ame também seu irmão” (1 Jo 4.20,21).

3. O PILAR DA ORAÇÃO

A oração é o meio que Deus escolheu para nos relacionarmos com Ele. Se com uma pessoa você cria intimidade quando se abre para ela, muito mais é com Deus, que sonda todos os corações. Contudo, a oração é mais que um relacionamento individualizado com Deus. É claro que a oração individual é necessária, mas devemos também estar juntos, orando em



comunhão para que sejam criadas raízes, para que se aprofundem os relacionamentos, para que a igreja se fortaleça como comunidade e sejamos instrumentos na vida dos irmãos.

“Portanto, confessem os seus pecados uns aos outros e orem uns pelos outros para serem curados. A oração de um justo é poderosa e eficaz” (Tg 5.16).

“Orem no Espírito em todas as ocasiões, com toda oração e súplica; tendo isso em mente, estejam atentos e perseverem na oração por todos os santos” (Ef 6.18).

“Antes de tudo, recomendo que se façam súplicas, orações, intercessões e ações de graças por todos os homens; pelos reis e por todos os que exercem autoridade, para que tenhamos uma vida tranquila e pacífica, com toda a piedade e dignidade. Isso é bom e agradável perante Deus, nosso Salvador, que deseja que todos os homens sejam salvos e cheguem ao conhecimento da verdade” (1Tm 2.1–4).

A oração é um importante elemento na vida da igreja. Nesse último versículo, vemos que devemos orar por todos os homens, não só pelos santos.

A IGREJA E A ADORAÇÃO

Adoração não é meramente uma questão de estar em um templo durante um momento religioso. Adoração é o todo da vida.

“Portanto, irmãos, rogo-lhes pelas misericórdias de Deus que se ofereçam em sacrifício vivo, santo e agradável a Deus; este é o culto racional de vocês” (Rm 12.1).

Depois de tudo que Deus fez por nós (nos criou, nos manteve apesar da nossa traição e nos salvou da condenação), e tudo isso por sua livre vontade graciosa, nossa resposta e o sentimento que devemos ter é o de gratidão. Tudo o que Deus precisava fazer (e só Ele podia fazer), Ele fez para que o evangelho nos alcançasse. É interessante que a origem da palavra gratidão vem exatamente da palavra graça. Recebemos uma graça e somos gratos.

Sendo assim, nossa gratidão se manifesta a Deus da seguinte forma: oferecer ou apresentar o nosso corpo como sacrifício vivo. Esse corpo é também santo e agradável a Deus, o que seria equivalente a ser moralmente sem defeito e de aroma agradável. E justamente essa oferta



é o nosso culto, a nossa adoração.

Culto racional é dizer que a única resposta sensata, racional e lógica diante da grandeza das misericórdias de Deus por nós é nos oferecermos completa e irrestritamente a Ele. Assim, nosso culto é de coração e mente, oferecido a Deus, de modo diferente de um culto cerimonial (que é apenas liturgia). Nosso culto é um estilo de vida. Cultuamos quando fazemos mortificar nossos atos errôneos (Rm 8.13) e cultuamos também quando servimos ao próximo em amor.

Isso é o que as Escrituras chamam de adoração: a resposta a Deus por tudo o que Ele é para nós. Ela é a resposta a Deus pelo conhecimento, é o louvor a Deus pela vida dos irmãos e é a comunhão com Deus por meio das orações.

Para cada um dos pilares bem estruturados na igreja, deve haver uma resposta ao próprio Deus. Isso é adoração.

- **Do ponto de vista do ensino:** “Nossa adoração é fraca porque nossos conhecimentos de Deus são fracos, nossos conhecimentos de Deus são fracos porque nossa pregação é fraca” (John Stott). Essa frase resume a indissolubilidade do relacionamento entre adoração e ensino. Toda adoração é uma reação à revelação de Deus. Quando há ensino, coisas novas são descobertas, maior é o conhecimento da glória, da grandeza e do nome de Jesus. A isso, todos se curvam em temor reverente e admiração jubilosa diante do Senhor. Mas sem ensino, é tudo superficial, artificial e, pior, com aparência de espiritual.

“Eu te louvarei de coração sincero quando aprender as tuas justas ordenanças” (Sl 119.7).

- **Do ponto de vista da comunhão:** sendo a igreja uma comunidade, não pode haver apenas momentos de adoração individual. A adoração deve ser também uma representação de comunhão uns com os outros. Você deve adorar, mas levar o seu irmão junto também. Deus não escolheu um povo para que cada um se preocupe com o que tem a oferecer, mas para que todos ofereçam, juntos, o melhor para Ele (Ef 2.19-22).

“Bendirei o Senhor o tempo todo! Os meus lábios sempre o louvarão. Minha alma se gloriará no Senhor; ouçam os oprimidos e se alegrem. Proclamem a grandeza do Senhor comigo; juntos exaltemos o seu nome” (Sl 34.1-3).



- **Do ponto de vista da oração:** mais do que pedidos (coletivos ou individuais), a oração é um momento de adoração. Devemos exaltar a Deus, louvar a sua glória e estar com um grande temor em sua presença. E uma das formas diretas de nos portarmos assim diante do Criador é na oração.

“Que eles deem graças ao Senhor por seu amor leal e por suas maravilhas em favor dos homens. Que o exaltem na assembleia do povo e o louvem na reunião dos líderes” (Sl 107.31,32).

A IGREJA E A UNIDADE

“Jesus, conhecendo os seus pensamentos, disse-lhes: Todo reino dividido contra si mesmo será arruinado, e toda cidade ou casa dividida contra si mesma não subsistirá” (Mt 12.25).

“Dei-lhes a glória que me deste, para que eles sejam um, assim como nós somos um: eu neles e tu em mim. Que eles sejam levados à plena unidade, para que o mundo saiba que tu me enviaste, e os amaste como igualmente me amaste” (Jo 17.22,23).

Mais do que simples momentos, a unidade deve ser um estilo de vida. A unidade da igreja depende diretamente da unidade com Cristo. Na verdade, a unidade da igreja é o retrato de cada cristão no seu relacionamento com Cristo. Se não há unidade na comunidade cristã, provavelmente a comunhão com Jesus também está superficial.

Em sua oração, Jesus pede pela unidade, pois ela é prova de que Ele veio. Uma igreja cuja marca são os interesses próprios, a cobiça por cargos ou o querer levar vantagem sobre o irmão, por mais sutil e aparente que seja, aponta um relacionamento fraco, artificial e incoerente com nosso Deus.

A IGREJA E O AMOR

Onde não há amor, não há vida e nem conhecimento de Deus. O fato de Deus ser amor exige de todo cristão e, conseqüentemente, da Igreja, amar. Mas, afinal, como amar?

Podemos ver o amor em três formas práticas:

- **Servir uns aos outros:** tudo que o Senhor te deu (sua capacidade e dons) deve ser disponibilizado para a comunidade cristã (1Pe 4.10). Nada que você possui como talento deve ser para você mesmo.



- **Levar as cargas uns dos outros:** todo cristão deve ser receptivo e ser “um ombro amigo”. Em todo momento e em todo lugar, sempre haverá alguém precisando de consolo e conselho. Essa também é uma forma de manifestar o amor de Deus. Saber ouvir e falar sabiamente deve fazer parte de cada irmão. Quando a igreja está pronta dessa forma, o mundo, por mais que a critique e a chame de louca por causa do evangelho, será o primeiro a recorrer a ela em pedido de socorro, pois sabe que é na igreja que se encontra o amor. O melhor caminho para que a igreja se torne, de fato, um “hospital” pronto para tratar as doenças da alma, é praticando com os próprios irmãos da fé (Gl 6.2).
- **Disciplina para que haja restauração:** a disciplina também é uma forma de cuidado e também de amor. Deus nos disciplina porque Ele nos ama (Hb 12.1–13). Da mesma forma, a disciplina na igreja deve ser aplicada com amor e sempre com o objetivo de trazer a pessoa disciplinada de volta para o caminho correto. Não se deve usar disciplina sem misericórdia e sem amor.

A IGREJA E A MISSÃO

Toda a igreja que está andando coerente com a Palavra do Senhor Jesus é uma igreja que se ocupa de missões. O “Ide” (Mc 16.15) é uma ordem direta para a igreja. Ela é responsável por ir por todo o mundo e pregar o evangelho.

Na Bíblia, do início ao fim vemos Deus se ocupando da missão.

- **Deus é um missionário:** no início chamou um homem para que, a partir dele, sejam abençoadas todas as famílias da terra.
- **Cristo é um missionário:** pregou e comissionou a igreja para que desse testemunho dEle.
- **O Espírito é um missionário:** Ele não só usou a igreja para pregar em Jerusalém, mas a levou até Roma.
- **A igreja das cartas é uma missionária:** uma comunidade mundial de uma vocação mundial que levou o evangelho a todas as partes.
- **O fim de Apocalipse é um fim missionário:** “Pois virão povos de todas as tribos, raças, línguas e nações clamando em grande voz que: ao nosso Deus, que se assenta no trono, e ao Cordeiro, pertencem a salvação”.

Se a igreja segue a Bíblia e proclama o evangelho de fato, ela tem que ser missionária. Se um cristão da mesma forma segue o evangelho, ele deve ser um missionário onde estiver plantado.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

O reino de Deus parte da vontade do próprio Deus (Mc 4.26–29). É um lugar que sempre vai abrigar quem necessitar (Mc 4.30–34). Para fazer parte desse reino, é necessário abrir mão de si mesmo, de suas vontades, de seus pecados (Mc 9.47). É necessário ser sem malícia e dependente como uma criança (Mc 10.14,15). É um reino que pertence aos pobres de espírito (Mt 5.3) e aos perseguidos por causa da justiça (Mt 5.10). É um reino cuja justiça não é igual à nossa, pois os últimos serão os primeiros (Mt 20.1–16).

Ser reino é ser igreja. É ser a comunidade dos santos.





A P O S T I L A D E B A T I S M O



FALANDO COM DEUS





FALANDO COM DEUS

Nesta lição vamos conhecer alguns princípios bíblicos para orientar a nossa vida de oração. Para isso, vamos estudar a oração que o próprio Jesus nos ensinou, a oração do Pai nosso. Observe o que está escrito em Mateus 6.5–15.

1. MOTIVAÇÃO (MT 6.5–6):

Nós precisamos aprender a orar do jeito certo. Jesus começa o seu ensino sobre oração deixando claro para os seus discípulos que existem maneiras erradas de orar: “Quando vocês orarem não sejam como os hipócritas”. Ao contrário do que possamos pensar, orar do jeito certo não tem a ver com a escolha perfeita de palavras ou a elaboração de frases rebuscadas. Jesus nos ensina que orar do jeito certo é orar com a motivação correta.

O problema da oração dos hipócritas é que eles oravam “a fim de serem vistos pelos outros”. Devemos sempre sondar o nosso coração para ver se a nossa vida de oração é voltada para Deus ou se estamos buscando impressionar as pessoas ao nosso redor. Esse exame deve ser constante em nossa vida, mas sabemos que o começo da nossa caminhada cristã é um dos momentos em que essa tentação costuma aparecer.

Ninguém começa a praticar exercícios correndo dez quilômetros por dia, ninguém fala fluentemente uma língua depois de uma semana de curso, nem tão pouco alguém consegue tocar todas as notas de uma partitura no segundo dia de prática de um instrumento. Como qualquer hábito que adquirimos na vida, o hábito da vida de oração requer tempo e prática para ser desenvolvido. Talvez você sinta que as pessoas ao seu redor oram mais e/ou melhor do que você. Mas não se deixe abater por esse sentimento e nem se preocupe demais com o que eles estão pensando da sua vida de oração. Você não tem que impressioná-los.

“Ore ao seu Pai, que está em secreto”. Sua oração precisa ser voltada para o seu Pai Celestial. Discursos públicos precisam ser decorados e planejados, conversas familiares não. Simplesmente, converse com Ele. Já notou como pais costumam ficar felizes e orgulhosos quando recebem, por exemplo, um simples desenho feito por seus filhos pequenos? Para qualquer outra pessoa pode parecer um rabisco, mas para o pai é como um quadro de Da Vinci. Você pode achar que fez a oração mais simplória. Contudo, se você pudesse ver o rosto do seu Pai Celeste, veria alegria e orgulho estampados nele. Muito mais importante que a maneira como



você ora, é para quem você ora.

2. RECOMPENSA (MT 5.5-6)

Ainda nos mesmos versículos, Jesus nos mostra que a motivação da nossa oração determina a recompensa que receberemos por ela. “Pois todo o que pede, recebe; o que busca, encontra; e aquele que bate, a porta será aberta” (Mt 7.8). Se buscamos impressionar as pessoas com a nossa oração, é isso que vamos alcançar e nada mais. “Eu lhes asseguro que eles já receberam sua plena recompensa”. A oração funciona, mas só encontraremos aquilo que realmente estivermos buscando.

“Sem fé é impossível agradar a Deus, pois quem dele se aproxima precisa crer que ele existe e que recompensa aqueles que o buscam” (Hb 11.6). Se quem busca impressionar homens é recompensado com a glória humana, com o que será recompensado aquele que busca a Deus? “E buscar-me-eis, e me achareis, quando me buscardes com todo o vosso coração” (Jr 29.13). Não existe recompensa maior do que conhecer a Deus e ter um relacionamento mais profundo com Ele.

3. VÁ PARA O SEU QUARTO E FECHE A PORTA (MT 5.5-6)

Dizer que a motivação correta é mais importante do que a forma, não significa que a forma não tem importância nenhuma. Afinal, o próprio Jesus nos ensina que devemos ir para o nosso quarto, fechar a porta e orar ao nosso Pai que está em secreto.

Quando Jesus nos diz que o Pai está em secreto, não significa que Deus está escondido em alguma outra dimensão e que só por meio de muita meditação alcançaremos esse “esconderijo secreto” de Deus. O que Jesus quer dizer é que o Pai não está só na igreja, nem só no seu GC ou nas reuniões de oração. Deus está também no seu quarto.

Podemos (e devemos, como já vimos em outra lição) buscar a Deus junto aos nossos irmãos. Mas a oração pública que não é acompanhada por uma vida de oração particular é como aparência sem essência, corpo sem espírito. Imagine um casal que, quando está em público, conversa, troca carícias e palavras de afeto, mas ao chegar em casa dorme em quartos separados e não troca uma palavra. Chamá-los de um “casamento de fachada”. Semelhantemente, aqueles cuja vida espiritual se resume à vida pública são “cristãos de fachada”. Ou, nas palavras de Jesus, “sepulcros caiados” (Mt 23.27): bonitos por fora, mortos por dentro.

Crie o hábito de orar sozinho também. Escolha um horário que for mais



fácil para você. Não se preocupe demais com o tempo. Você, provavelmente, terá dificuldade de começar orando duas horas por dia. Não tem problema. Ore quinze minutos ou dez. Se preocupe mais com a constância e qualidade do que com a duração. Dez minutos de oração intensa são melhores do que uma hora de enrolação. Quinze minutos diários são melhores do que uma hora hoje e outra no mês que vem.

Lembre-se que o foco é orar “ao seu Pai”. O mais importante da sua oração particular é desenvolver o seu relacionamento com Ele. Por isso que Jesus aconselhou a ir para o quarto e fechar a porta. Ficar a sós com Deus te permite ser sincero, sem se preocupar com as opiniões humanas. Se afastar do burburinho do dia a dia, fechando a porta para abafar o barulho, diminui as distrações. Quanto mais tempo você passar com a atenção voltada inteiramente para Deus, mais profundo se tornará o seu relacionamento com Ele.

4. ORAÇÃO NÃO É FALATÓRIO (MT 6.7-8)

O segundo tipo de oração errada que Jesus destaca é a dos pagãos: “que pensam que por muito falarem serão ouvidos”. Pagãos são pessoas que seguem outras religiões. Provavelmente, era uma referência específica à religião politeísta greco-romana. Os deuses da mitologia grega e romana não eram com o nosso Deus. Eles não eram, em sua maioria, muito generosos ou benevolentes. Por essa razão, os pagãos tinham que tentar convencer os seus deuses a atendê-los.

O motivo que Jesus nos dá para não imitarmos os pagãos é que o nosso Pai sabe do que precisamos antes mesmo de pedirmos. Se Deus já sabe, não precisamos ficar refrescando a sua memória. Se Deus é nosso Pai, não precisamos convencê-lo a nos abençoar. Deus responde à oração feita com fé (Mc 11.24); portanto, aprenda a confiar no amor do Pai. Deus te ama e quer cuidar de você. Ele ouve cada uma das suas palavras e não as esquece. Não é preciso um falatório para convencê-lo. Uma oração feita em fé agrada muito mais a Deus do que cem orações feitas mecanicamente (Hb 11.6).

5. OREM ASSIM (MT 6.9-13):

Já dissemos que, na oração, o mais importante não são as palavras que usamos, mas o relacionamento que formamos. Contudo, se Deus ouve todas as nossas palavras e não se esquece delas, não podemos afirmar que nossas palavras não têm importância nenhuma. Com isso, não estamos dizendo que devemos pensar nas frases mais bonitas e impressionantes, e sim que devemos atentar para o conteúdo da nossa oração.



Para nos ensinar o que dizer na hora da oração, Jesus nos deixou uma oração modelo. A intenção de Cristo não era que ficássemos repetindo essa oração interminavelmente (afinal, Ele acabou de dizer para não usarmos de vãs repetições). A intenção do Mestre é que usemos esse modelo para retirar princípios e ensinamentos. Devemos aprender com a oração de Jesus, para que nossa vida de oração se torne como a dele. Vejamos que lições Ele nos deu:

6. PAI NOSSO QUE ESTÁS NOS CÉUS

Quando orar, lembre-se sempre de para quem você ora. Ele é o seu Pai, se importa com você, quer cuidar de você. Se aproxime dele com ousadia. Não se esqueça de que o Deus para quem você ora ama você de verdade.

Além disso, Ele não é apenas seu Pai. Ele é nosso Pai. Não se esqueça da sua família espiritual. Deus quer cuidar dos seus irmãos e irmãs na fé; por isso, ore por eles também. A vida espiritual particular não exclui a vida espiritual pública, ela encoraja a vida em comunhão.

O mais impressionante é que foi o próprio Jesus que nos ensinou a chamar Deus de “Nosso Pai”. Ele está mais uma vez nos lembrando que a mesma comunhão, o mesmo acesso, o mesmo grau de intimidade que Ele tinha com o Pai, agora está disponível a nós. Lembrar da vida de oração do Filho de Deus é nos lembrar do que podemos alcançar em oração, agora que também somos filhos de Deus!

Por fim, lembre-se de que Ele é o seu Pai que está nos céus. Você está orando ao Deus Todo-poderoso, que se assenta no trono celestial e de lá governa o Universo. Pensar no amor de Deus já é confortante, mas lembrar do poder é igualmente importante. Afinal, quantas vezes nos pegamos incapazes de ajudar àqueles a quem amamos? Deus não tem esse problema! Ele te ama o suficiente para te ouvir e tem poder suficiente para te atender. Nada que você pedir é difícil demais para o Todo-poderoso.

7. SANTIFICADO SEJA O TEU NOME

Se a primeira frase nos dá ousadia, essa segunda frase deve nos gerar temor. Não é porque Ele nos ama que deixou de ser Santo. Temos o privilégio de nos aproximar do Santo dos santos apenas por causa do sangue de Jesus, que apagou nosso pecado (Hb 10.19). Precisamos nos lembrar da santidade de Deus, para que isso nos inspire a sermos santos (1Pe 1.16).



Além disso, essa frase é uma expressão de adoração. Oração não é só pedir. Um dos tipos mais importantes de oração é a adoração. Na adoração nós “santificamos o nome de Deus”. O nome de Deus já é santo, mas quando o adoramos percebemos o quanto ele é santo. A adoração nos leva a tratar Deus da forma que Ele merece. Com temor, reverência e, conseqüentemente, com obediência.

8. VENHA O TEU REINO; SEJA FEITA A TUA VONTADE, ASSIM NA TERRA COMO NO CÉU

Orar não é convencer Deus a fazer o que nós queremos. A oração eficaz é aquela que alinha a nossa vontade com a dele. Quando oramos segundo a vontade de Deus somos sempre atendidos:

“Esta é a confiança que temos ao nos aproximarmos de Deus: se pedirmos alguma coisa de acordo com a sua vontade, ele nos ouve. E se sabemos que ele nos ouve em tudo o que pedimos, sabemos que temos o que dele pedimos” (1Jo 5.14–15).

Deus não atende às nossas orações que não estão alinhadas com a vontade dele, porque Ele nos ama demais para isso. O que Ele tem planejado para você é muito melhor do que tudo que você possa imaginar (Jr 29.11, Rm 12.2, 1Co 2.9). Sua vontade pode até ser boa, mas o que Deus tem planejado para você é perfeito!

Por isso, nosso primeiro pedido deve ser que Ele governe sobre nós e realize sua vontade em nossa vida, assim como ela é feita no céu. Na terra, a vontade humana se realiza e podemos ver as conseqüências disso. No céu, o lugar onde a perfeita vontade de Deus se realiza sempre, não há “morte, nem tristeza, nem choro, nem dor” (Ap 21.4). Viver realidades celestiais na terra só é possível quando decidimos abandonar nossa vontade e buscamos viver a vontade de Deus.

9. DÁ-NOS HOJE O PÃO NOSSO DE CADA DIA

Embora Deus conheça cada uma de nossas necessidades, isso não significa que não precisamos orar por elas. Deus quer nos abençoar, mas não vai nos empurrar suas bênçãos goela abaixo, quer queiramos ou não. Ele deseja um relacionamento, uma parceria. O Pai está pronto para providenciar o que nós precisamos, mas Ele espera que peçamos.

Nessa frase, Jesus nos ensina a orar pelas necessidades. Deus pode te dar o que você deseja (Sl 37.4) ainda que você não precise; contudo, esse certamente não deve ser o foco da nossa oração. Vivemos numa



sociedade de consumo e, por isso, muitas vezes pensamos que precisamos de coisas que, na verdade, são supérfluas. Às vezes, ficamos frustrados porque Deus “não está nos atendendo”, quando, na verdade, Deus está esperando chegarmos aos assuntos importantes. O Pai não ignora as suas necessidades, mas Ele não é um gênio da lâmpada para atender todos os nossos caprichos.

Além disso, Jesus nos leva a orar pelo pão nosso. Mais uma vez, nossas orações privadas não devem ser egoístas. Não ore apenas pelas suas necessidades. Lembre-se da necessidade de outros. Quão importante é estarmos conscientes do que as pessoas ao nosso redor precisam e como a nossa oração pode fazer a diferença na vida delas (Tg 5.16).

Por fim, essa frase nos ensina a orar pelo pão nosso de cada dia. Nossa dependência de Deus precisa ser constante. Nosso hábito de oração precisa ser diário, porque precisamos de Deus diariamente. Novamente, a preocupação principal de Jesus é com nosso relacionamento. Por isso, Ele nos orienta a orar hoje pelo pão de hoje, para que voltemos amanhã a falar com o Pai e pedir o pão de amanhã. O filho pródigo pediu adiamento porque queria ir para longe do pai (Lc 15.12-13). Se eu pretendo me manter perto do Pai Celestial, não há razão para adiantar os pedidos de amanhã.

10. PERDOA AS NOSSAS DÍVIDAS, ASSIM COMO PERDOAMOS AOS NOSSOS DEVEDORES

O pastor Márcio Valadão costuma dizer que o verdadeiro limpo não é aquele que nunca se suja, mas aquele que sempre se limpa. Assim como o banho é importante para manter a limpeza do corpo, a confissão é importante para nos manter espiritualmente puros (1Jo 1.9).

Não tente esconder de Deus os seus erros. Ele os conhece e te ama do mesmo jeito. A confissão abre a porta para o perdão e a restauração. Na confissão não conto a Deus algo que Ele não saiba, concordo com Deus que, de fato, errei. Não muda de atitude quem não percebe que errou.

Além disso, Jesus adiciona uma cláusula nessa parte. Ele diz para pedirmos que o Pai nos perdoe assim como perdoamos os nossos devedores. Nem adianta pedirmos o perdão de Deus se não estivermos dispostos a perdoar quem errou conosco. Para termos um relacionamento real com Deus, precisamos estar dispostos a reparar os relacionamentos com as pessoas ao nosso redor.

Aliás, para garantir que entendemos, Ele repete a mesma informação depois dizendo que se perdoarmos uns aos outros o Pai nos perdoará,



mas, se não perdoarmos, o Pai não nos perdoará (Mt 6.14–15). Perdoamos os outros não porque eles merecem, mas porque não merecíamos e fomos perdoados. O perdão traz mais benefícios à pessoa que perdoa do que a quem recebe o perdão.

11. E NÃO NOS DEIXES CAIR EM TENTACÃO, MAS LIVRA-NOS DO MAL

Depois de pedir que Deus nos perdoe, precisamos pedir que Ele nos ajude a não cometermos o mesmo erro. Dependemos do auxílio divino para nos mantermos em santidade. Somente andando no Espírito é que vamos parar de satisfazer os desejos da nossa carne (Gl 5.16). Somente o Deus que nos deu o desejo de andar em santidade é capaz de nos levar a viver a santidade de fato (Fp 2.13).

Por isso, não permita que o pecado te afaste de Deus. Muitas pessoas param de orar quando estão em pecado. O que elas não entendem é que se não orarem, nunca sairão do pecado. Nenhum de nós pode, pela força do próprio braço, alcançar a santidade (Rm 3.20, Gl 3.11). Não podemos aperfeiçoar pelo esforço a obra que Deus começou pelo seu Espírito (Gl 3.3, Fp 1.6). Se isso é algo que só Deus pode fazer, a minha parte é orar para que Ele faça. Se você cair, não corra da presença de Deus, como fez Adão (Gn 3.8), corra para a presença.

12. PORQUE TEU É O REINO, O PODER E A GLÓRIA PARA SEMPRE. AMÉM.

Por fim, Jesus termina do mesmo jeito que começou, lembrando de com quem estamos falando. Oramos para aquele que é o Rei; por isso, descansamos sabendo que Ele tem autoridade para nos atender. Oramos para aquele que tem todo poder; por isso, ficamos tranquilos porque sabemos que nada é impossível para Ele.

Terminamos dando a Ele toda a glória. Se é Ele quem tem todo o poder e autoridade, quando Ele nos atender não vamos atribuir isso à nossa santidade ou ao poder das nossas orações. Se é Ele quem age, a glória é dele. “Pois dele, por ele e para ele são todas as coisas. A ele seja a glória para sempre! Amém” (Rm 11.36).

Devemos começar e terminar nossas orações com adoração para evitar que nossa oração seja uma lista de compras ou pior, uma “lista de tarefas” que damos a Deus, como se Ele fosse o servo e não o Senhor. A adoração mantém o foco da oração no relacionamento, na intimidade, e nos ajuda a lembrar de quem Deus é. Assim, nossa vida de oração será de busca a Deus. O que garante que receberemos a melhor recompensa de todas: Ele mesmo.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos experimentar uma vida tão sobrenatural quanto a que Jesus experimentou, porque temos acesso à mesma ferramenta que Ele utilizava para realizar milagres: a oração. Aliás, a oração não era apenas um instrumento de milagres para Jesus. Cristo recorria à oração em tempos de tomada de decisão (Lc 6.12-13), em momentos angustiantes (Mt 26.42) e nas horas em que, simplesmente, precisava ouvir de novo a voz do Pai (Lc 9.28-36). Sendo assim, aproveite ao máximo o maravilhoso potencial da oração!







A P O S T I L A D E B A T I S M O

10

RECALCULANDO A ROTA





RECALCULANDO A ROTA

”Portanto, se alguém está em Cristo, é nova criação. As coisas antigas já passaram; eis que surgiram coisas novas!” (2Co 5.17)

Nova criação, novo nascimento. Essas expressões usadas na Bíblia para descrever a salvação que você recebeu, destacam um aspecto importante dela: é um novo começo! Isso não significa apenas que você deixou sua antiga vida, mas, também, que esse é apenas o início de uma vida diferente. Assim como o povo de Israel prestes a entrar na terra prometida, a escravidão do Egito e o tempo de deserto ficaram para trás. Está na hora de caminhar para Canaã, viver como Deus planejou para você! Existem muros para derrubar, gigantes para enfrentar e inimigos para derrotar; porém, certamente, é uma terra que mana leite e mel. Sua caminhada cristã terá desafios, mas será infinitamente melhor do que tudo que você viveu até hoje!

Contudo, embora o povo de Israel estivesse empolgado em finalmente chegar ao seu destino e cumprir o que Deus tinha há tanto tempo planejado para ele, é bem provável que estivesse se sentindo um pouco perdido. Afinal de contas, esse povo estava entrando em um território novo. Toda a experiência que adquiriu no deserto não seria de muita ajuda agora; afinal, passaria a viver em um clima diferente, com vantagens e desafios diferentes. A coluna de nuvem que o guiou no deserto não estaria mais com ele, nem tão pouco o seu grande líder Moisés. Como os hebreus saberiam para aonde ir?

Talvez você se sinta um pouco assim também. Feliz porque seus pecados foram perdoados e sua antiga vida ficou para trás. Animado por começar sua caminhada com Deus e viver os planos que Ele traçou para você. Mas, lá no fundo, um pouco receoso. Muito da sabedoria que você adquiriu não se aplica a essa nova fase da sua vida. Muitos princípios e valores que te guiaram até aqui terão que ficar para trás. Como viver essa nova vida?

Preste atenção às palavras que Deus disse a Josué naquele momento crítico da história de Israel:

“Tão somente esforça-te e tem mui bom ânimo, para teres o cuidado de fazer conforme toda lei que meu servo Moisés te ordenou; dela não te desvies, nem para a direita nem para a esquerda, para que prudentemente te conduzas por onde quer que andares.

Não se aparte da tua boca o livro desta lei; antes medita nele dia e noite, para que tenhas cuidado de fazer conforme a tudo quanto nele



está escrito; porque então farás prosperar o teu caminho, e serás bem-sucedido” (Js 1.7-8).

A primeira frase dita por Deus a Josué foi: “Esforça-te e tenha bom ânimo”. Ainda que pareça que os desafios são grandes, que há muito em sua vida que precisa mudar e você não sabe por onde começar, não desanime! Deus deixou um mapa para te guiar pela terra prometida, um manual de como ter sua nova vida: a Bíblia.

“Toda a Escritura é inspirada por Deus e útil para o ensino, para a repreensão, para a correção e para a instrução na justiça, para que o homem de Deus seja apto e plenamente preparado para toda boa obra” (2 Tm 3.16-17).

Foi o próprio Deus que inspirou os autores bíblicos no momento da escrita; por isso, chamamos a Bíblia de Palavra de Deus. Ele é a fonte da revelação e da inspiração. Ainda que cada autor tenha o seu próprio estilo, as verdades eternas ali contidas vieram de Deus e não foram reveladas por Ele à toa. A Escritura foi inspirada pelo Espírito com o propósito de ser útil para nos ensinar, repreender, corrigir, instruir, habilitar e preparar. Deus não nos mandou para a terra prometida despreparados, Ele nos deixou um kit de sobrevivência completo.

Não devemos desanimar, mas precisamos nos esforçar. Deus nos deu as ferramentas; porém, cabe a nós utilizá-las. A Bíblia não é um amuleto. Deixá-la aberta na sala de casa ou carregá-la embaixo do braço não é o suficiente. O simples fato de você possuir uma chave de fenda não garante que todos os parafusos de sua casa estejam devidamente apertados. Para que as Escrituras façam a diferença em nossa vida, precisamos aprender a usá-las.

LEIA A BÍBLIA

“Para teres o cuidado de fazer conforme toda a lei que meu servo Moisés te ordenou” (Js 1.7b).

A lei de Moisés, também conhecida como Torá ou Pentateuco, é a soma dos primeiros cinco livros da nossa Bíblia e era tudo o que se tinha da Escritura até então. A orientação de Deus a Josué foi que ele tivesse o cuidado de obedecer todas as instruções contidas ali. Não algumas, nem tão pouco a maioria, mas toda a lei. Obviamente, Josué não poderia obedecer àquilo que ele não conhecia. Antes de poder obedecer à Palavra de Deus e seguir as orientações que ela nos dá, precisamos conhecer a Bíblia. Toda a Bíblia.



Sim, é verdade que a Escritura é grande. Contudo, não se desespere. Como dissemos, é uma nova vida, é o começo de uma nova jornada. Você não precisa aprender tudo da noite para o dia. Na verdade, você perceberá que, mesmo depois de cinquenta anos de conversão, ainda haverá muito o que aprender. O importante é que você saiba que toda a Bíblia é relevante para a sua vida espiritual. Não se contente em conhecer apenas um ou dois Salmos ou algumas histórias do livro de Gênesis. Esforce-se para conhecer a Palavra de Deus por completo.

O primeiro passo nessa jornada de conhecimento é a leitura. Leia a Bíblia toda. Obviamente, não precisa ler tudo de uma vez. Leia aos poucos. Leia todo dia um pouco. Talvez você queira fazer um dos planos bíblicos de leitura anual que existem. Assim, lendo apenas uma média de três capítulos por dia, você terá lido a Bíblia inteira em um ano. Converse com o seu pastor ou seu líder de GC, com certeza ele terá vários desses para te mostrar.

Não é obrigatório, porém, que você leia a Palavra de Deus toda, de uma vez, em único ano. Você pode começar pelos livros que mais gosta. Talvez queira iniciar pelas narrativas, que são mais fáceis de ler em sequência, ou pelas epístolas, que contêm mais conselhos práticos. Não tem problema. Só não se esqueça de voltar mais tarde para ler os textos que você pulou ou os livros bíblicos que deixou para depois. Toda a Bíblia é importante!

Também não se preocupe se você não estiver entendendo tudo. Na sua primeira leitura o mais importante é que você continue lendo. Escolha uma versão mais fácil de entender e não pare de ler. O objetivo da leitura bíblica é ter uma noção geral das Escrituras, um conhecimento abrangente. Isso não quer dizer que os detalhes não importam ou que eu não devo buscar compreender o texto. Contudo, esse não é foco da leitura bíblica. Por isso que, para que eu desfrute de tudo que a Bíblia pode me oferecer, a leitura é o primeiro passo

ESTUDE A BÍBLIA

“Dela não te desvies, nem para a direita nem para a esquerda” (Js 1.7c).

Se a frase anterior requeria um conhecimento abrangente (para obedecer toda a lei, preciso conhecer tudo que ela diz), esse mandamento exigia um conhecimento preciso. Para não se desviar nem para a direita, nem para esquerda, Josué precisava saber exatamente o que a lei dizia. O conhecimento superficial, adquirido por meio da leitura bíblica, é um



passo extramente importante, mas não é o suficiente. Precisamos ir mais fundo.

Talvez você não tenha o hábito de estudar sozinho, e isso não é um problema. O estudo não precisa ser particular. Essa é uma das razões pelas quais frequentamos os GCs, para que possamos estudar a Bíblia juntos. A cada culto que você participa, pode aprender um pouco mais por meio da pregação do seu pastor. Além disso, existem também inúmeros cursos que você pode frequentar em nossa igreja, que vão te ensinar sobre o que a Bíblia diz em relação a diversos assuntos: família, louvor, finanças, oração... Temos até um curso que foi pensado, especificamente, para você que acabou de se converter e quer conhecer mais a Deus. O nome dele é Deep (antes conhecido como Maturidade) e você pode começar a cursá-lo logo depois que for batizado.

Contudo, é importante lembrar que estudar em grupo, seja no GC, no culto ou em um dos cursos, não significa simplesmente sentar e deixar que a informação entre em você. “Vede, pois, como ouvis” (Lc 8.18a). A maneira como ouvimos a Palavra de Deus, pregada ou ensinada, é muito importante. Não podemos ser ouvintes passivos.

Em primeiro lugar, precisamos ouvir atenciosamente: *“Meu filho, escute o que lhe digo; preste atenção às minhas palavras”* (Pv 4.20). Apenas se sentar no banco da igreja ou na cadeira da sala de aula não é o suficiente. Saiba que aquilo que está sendo ensinado é a Palavra de Deus, por isso, decida receber o máximo que você puder de cada mensagem, de cada aula, de cada estudo (1Ts 2.13).

Também precisamos ouvir analiticamente: *“Os bereanos eram mais nobres do que os tessalonicenses, pois receberam a mensagem com grande interesse, examinando todos os dias as Escrituras, para ver se tudo era assim mesmo”* (At 17.11). Uma vez que a Palavra de Deus está sendo ensinada por homens e mulheres, falhos como nós, é muito importante que façamos a nossa parte para examinar todas as coisas e reter apenas o que é bom (1Ts 5.20-22). O estudo coletivo é sempre mais proveitoso quando acompanhado pelo estudo pessoal.

Anote as referências bíblicas que foram usadas na mensagem e confira depois. Veja se estava escrito daquele jeito mesmo. Essa é, aliás, uma boa maneira de criar o hábito do estudo pessoal. Se você tiver uma Bíblia de estudo, melhor ainda. Ela pode vir com comentários que vão te ajudar a esclarecer versículos mais difíceis, com um dicionário que explica termos que você não conhece ou com uma lista de outros versículos que falam do mesmo assunto para você comparar. Enfim, quanto



mais estiver disposto a investir no estudo bíblico, tanto no pessoal quanto no coletivo, mais aprenderá.

MEDITE NA BÍBLIA

“Não se aparte da tua boca o livro desta lei; antes medita nele dia e noite” (Js 1.8a).

Além de ler e estudar a Bíblia, para que eu realmente me aprofunde na Palavra de Deus e para que ela entre em meu coração, preciso meditar nela. Perceba que foi uma ordem que Deus deu a Josué: “medita nesse livro dia e noite”.

Quando pensamos na palavra meditação, muitas vezes nos lembramos do yoga e dos mantras das religiões orientais, meditações que visam esvaziar a mente. Contudo, a meditação Bíblica faz exatamente o caminho oposto, ela tem tudo a ver com encher a nossa mente com a Palavra de Deus.

“Como é feliz aquele que não segue o conselho dos ímpios, não imita a conduta dos pecadores, nem se assenta na roda dos zombadores! Ao contrário, sua satisfação está na lei do Senhor, e nessa lei medita dia e noite” (Sl 1.1-2).

O problema da mente vazia, e a razão pela qual o ditado afirma que ela vira oficina do diabo, é que não conseguimos mantê-la vazia por muito tempo. Por isso, se você não encher sua mente com aquilo que é certo, o diabo se encarregará de enchê-la para você (Lc 11.24-26). Por isso que o homem feliz do Salmo 1 não apenas abandona o conselho dos ímpios, o exemplo dos pecadores e a companhia dos zombadores. Feliz é aquele que substitui os conselhos ímpios pelos conselhos bíblicos, que abandona o jeito mundano de andar para seguir a Palavra de Deus.

Meditar, segundo o dicionário, é “refletir, ponderar, pensar sobre”. Depois de ler e estudar um determinado texto, reflita sobre ele. Pense nas consequências desse texto para sua vida pessoal. Leia, releia, leia em voz alta, fique repetindo o texto na sua mente enquanto você anda pela rua ou trabalha com suas mãos. Imagine que você está mastigando o texto mentalmente. Quebre cada pedacinho, pense em cada palavra. Assim como a mastigação é essencial para digerirmos bem o alimento e extrairmos todos os nutrientes dele, a meditação nos auxilia a digerir as verdades espirituais contidas na Palavra de Deus.

Se o objetivo da leitura era ser superficial e o mais abrangente possível, o alvo da meditação é ser o mais profundo e específico



possível. Não tente meditar em vários capítulos de uma vez, escolha textos curtos (geralmente, um versículo só é mais do que suficiente) e se concentre neles. Um bom caminho é pegar uma parte do texto que você leu naquele dia, uma parte que chamou sua atenção, e passar o resto do dia se lembrando desse trecho. Sempre que puder, leia-o de novo. Se for suficientemente curto, tente memorizar esse texto. Deixe Deus falar com você tudo o que Ele tem para falar nessa passagem bíblica.

Mastigue o texto e não pare até você conseguir engolir. Ao contrário da leitura, que você não entende e segue em frente, na meditação você pondera até entender tudo. Claro que a Bíblia é sempre mais profunda do que imaginamos e sempre haverá mais para aprender. Contudo, não pare de meditar em um texto enquanto existir algo nele que você ainda não entendeu. Leve mais de um dia se for preciso. Não tem nada de errado meditar por dias ou semanas em uma mesma passagem bíblica.

A meditação, de todas as formas de se aproximar da Bíblia, é aquela que precisa ser feita de maneira mais constante. Nos dois textos que vimos, fala-se de meditar dia e noite. Se você não conseguiu ler os três capítulos do seu plano de leitura bíblica em um determinado dia, tudo bem, retome no dia seguinte. Se não deu para estudar a Bíblia direito esta semana, sem problemas. Mas não deixe, nem um dia sequer, de meditar na Palavra. Ela é o alimento do seu espírito (Mt 4.4). O almoço da semana passada não está mais provendo energia para o seu corpo hoje. Alimente-se da Bíblia diariamente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vamos encerrar esta lição pensando nas consequências de se expor à Palavra de Deus:

“[...] para que prudentemente te conduzas por onde quer que andares. [...] para que tenhas cuidado de fazer conforme a tudo quanto nele está escrito; porque então farás prosperar o teu caminho, e serás bem-sucedido” (Js 1.7-8).

As demais partes da fala de Deus a Josué tratam-se de algumas das consequências de se expor à Palavra de Deus da maneira correta.

A primeira delas é que, conhecendo a Palavra de Deus, vou poder “me conduzir prudentemente por onde eu andar”.

“Lâmpada para os meus pés é tua palavra, e luz para o meu caminho” (Sl 119.105).



A Palavra de Deus ilumina o nosso caminho, nos mostra por onde andar. Ela é o GPS que traçará a nossa rota e nos guiará na nossa nova vida com Cristo. Sempre que você estiver se sentindo perdido em alguma área da sua vida, tente descobrir o que a Bíblia tem para te ensinar a respeito daquele assunto. Medite em versículos que tratem o tema. Deixe que as Escrituras te ensinem como andar.

Além disso, devemos meditar na Palavra para “ter o cuidado de fazer conforme tudo o que nela está escrito”. O objetivo do estudo bíblico é a prática bíblica. Você não lê, estuda ou medita na Bíblia apenas para adquirir conhecimento. Ela ilumina o caminho certo para que ande por ele. A semente da Palavra é plantada em nosso coração para dar fruto.

“Portanto, livrem-se de toda impureza moral e da maldade que prevalece, e aceitem humildemente a palavra implantada em vocês, a qual é poderosa para salvá-los. Sejam praticantes da palavra, e não apenas ouvintes, enganando-se a si mesmos” (Tg 1.21-22).

A Palavra que foi plantada em nós tem poder para nos transformar. Precisamos apenas ter a humildade de nos submetermos a ela. Precisamos praticar o que aprendemos, pois, do contrário, enganaremos a nós mesmos.

Por fim, quando obedecemos a Palavra, “prosperaremos em todos os nossos caminhos e seremos bem-sucedidos”.

“É como árvore plantada à beira de águas correntes: Dá fruto no tempo certo e suas folhas não murcham. Tudo o que ele faz prospera!” (Sl 1.3)

Deus sabe das coisas. Ele sabe o que é melhor para nós e seus conselhos sempre nos levarão às melhores escolhas. Quanto mais seguirmos às instruções que Ele nos dá, melhor será para nós. Sua vontade é “boa, agradável e perfeita” (Rm 12.2).

Não tenha medo. Ainda que existam grandes desafios pela frente nesta sua nova jornada, Ele já deixou um caminho traçado para você. Siga as instruções dele e você chegará ao destino que Ele preparou. Você verá que, apesar de os gigantes que podem aparecer pelo caminho, a terra que Deus preparou para você mana leite e mel!





A P O S T I L A D E B A T I S M O



PRÁTICAS E ORDENANÇAS





PRÁTICAS E ORDENANÇAS

Aceitar Cristo como o Senhor da nossa vida é a experiência mais maravilhosa que o ser humano pode experimentar. Por causa da salvação, podemos nos relacionar com Deus, reconhecendo-o como o nosso Pai. Agora que somos discípulos de Cristo, queremos responder ao seu amor por meio de nosso compromisso e afeição. Isso implica em obediência às suas ordenanças. Ordenanças, por sinal, são mandamentos específicos dados por Jesus aos seus discípulos, com um significado a ser lembrado pela igreja até a sua volta. Nesta lição, abordaremos duas ordenanças: batismo e ceia do Senhor.

BATISMO

Em Mateus 28.19, Jesus deixa uma ordem aos seus discípulos antes de subir aos céus: “Portanto ide, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo”.

O batismo é para todos os que creem em Jesus como Senhor e Salvador de suas vidas. Batizar é o ato pelo qual anunciamos publicamente que, mediante a fé, nos unimos a Cristo. Sepultamos em sua morte a nossa antiga vida e começamos, pelo poder da sua ressurreição, uma nova vida. João Batista veio para preparar o caminho do Senhor. Em Marcos 1.3-5, ele pregava que as pessoas deviam ser batizadas para demonstrar que tinham se arrependido de seus pecados, selando essa decisão com o testemunho público de mudança por meio do batismo no rio Jordão.

É importante lembrar que o batismo em si mesmo não tem poder para salvar. As pessoas são batizadas não para serem salvas, mas porque já foram salvas. Quem salva é só Jesus. Nós nos batizamos em obediência a uma ordenança e como público testemunho de nossa fé.

As condições para ser batizado são:

1. Crer: para ser batizado, é preciso crer de todo o coração.

“(…) que impede que eu seja batizado? E disse Filipe: “É lícito, se crês de todo o coração” (At 8.36-38).

2. Arrepende-se: é uma palavra de origem grega (metanoeo), que significa mudança de mente, conversão. Isso implica em deixar para trás os maus hábitos que desagradam o coração de Deus.

“Arrependei-vos, e cada um de vós seja batizado em nome de Jesus Cristo, para remissão de vossos pecados; e recebereis o dom do Espírito Santo” (At 2.38).



CEIA

A ceia do Senhor foi instituída pelo próprio Jesus na noite em que foi traído. É um memorial do sacrifício substitutivo de Cristo na cruz. Em 1Coríntios 11.23-28, aprendemos que o pão simboliza o corpo de Cristo, e o vinho simboliza o sangue. É verdade que esses elementos não se transformam em corpo e sangue de Jesus e nem nos levam à presença do corpo e do sangue de Cristo. Pão e vinho apenas representam, de modo simbólico, a morte de Cristo em nosso favor.

A ceia do Senhor é a celebração da comunhão e deve ser realizada com frequência. Ao participarmos dela, devemos sempre examinar o nosso coração, confessando qualquer falha ao Senhor.

DÍZIMOS

Além das ordenanças, queremos ensinar a você algumas práticas importantes para a vida cristã. São elas: dízimos, ofertas e celebração coletiva (culto).

Em Gênesis 14.18-24, encontramos a primeira referência bíblica sobre dízimos. A naturalidade da narrativa nos leva a crer que esse era um costume já estabelecido. Ele foi espontaneamente oferecido por Abraão, que reconheceu a prosperidade divina sobre seus bens.

Quando o dízimo é entregue em espírito de culto e adoração a Deus, ganha um profundo significado para a nossa alma.

Algumas referências bíblicas:

Números 18.20-32: uma das finalidades do dízimo é o sustento do sacerdócio. A tribo de Levi não recebeu nenhuma porção da terra quando esta foi dividida. Eles deveriam ser sustentados pelas demais tribos para que se dedicassem inteiramente ao serviço sagrado.

Deuteronômio 14.22-29: o dízimo também deve ser destinado à beneficência, ao amparo dos necessitados, estrangeiros, órfãos e viúvas.

Malaquias 3.8-10: Deus diz aos que estavam sob a lei de Moisés que eles deveriam trazer à Casa do Tesouro os dízimos e as ofertas. Isso nos mostra que o dízimo deve ser direcionado e bem administrado para que a igreja realize a obra de Cristo da melhor maneira possível.

OFERTAS

Jesus falou sobre dinheiro noventa vezes ao longo da Bíblia. Dos cento e sete versículos do Sermão do Monte, vinte e dois se referem a dinheiro, e vinte e quatro das quarenta e nove parábolas de Jesus mencionam o dinheiro.



Ao lermos esses versículos, observamos que os valores do reino de Deus são inversos aos valores do mundo. Para a sociedade em geral, quanto mais você ajuntar, mais você terá. Contudo, Jesus nos diz: *“Mais bem-aventurada coisa é dar do que receber”* (At 20.35). O apóstolo Paulo completa: *“Aquele que semeia pouco, pouco também ceifará”* (2Co 9.6). Se esperamos realizar uma grande colheita, precisamos aprender a semear boas e abundantes sementes. E, acima de tudo, que o nosso ato de semear seja realizado com muita alegria (2Co 9.7).

Precisamos reajustar o nosso foco. Contribuir para a causa do evangelho não deve ser visto como uma obrigação, e sim como um privilégio (1Cr 29.17). Em 2 Coríntios, capítulos 8 e 9, Paulo encoraja a igreja de Corinto a ajudar cristãos necessitados. Primeiro, o apóstolo aponta para o exemplo das igrejas da Macedônia. Elas se deram primeiramente a Deus e depois a ajudar aqueles que necessitam. O nosso maior exemplo de liberalidade encontra-se na pessoa de Jesus, que sendo rico, se fez pobre por amor a cada um de nós (2Co 8.9).

CELEBRAÇÃO COLETIVA

Uma vez que Jesus ressuscitou no primeiro dia da semana, os cristãos escolheram o domingo como o dia de celebração. O culto é um momento para ouvirmos a Palavra de Deus, louvarmos a Ele e termos comunhão uns com os outros. Nessa ocasião, também podemos ofertar e celebrar a ceia do Senhor.

“Não deixemos de reunir-nos como igreja, segundo o costume de alguns, mas procuremos encorajar-nos uns aos outros, ainda mais quando vocês veem que se aproxima o Dia” (Hb 10.25).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta lição abordamos algumas práticas que irão te acompanhar ao longo da sua caminhada. O cristão é aquele que reconhece que em Cristo ele vive e existe. Ele testemunha publicamente a sua fé por meio do batismo e, por meio dos dízimos e das ofertas, aprende a ser um bom mordomo dos bens que o Senhor tem dado a ele (Dt 8.18; Jr 27.5). Que toda a nossa vida seja dedicada a Cristo!





A P O S T I L A D E B A T I S M O

12

A VISÃO DA LAGOINHA





A VISÃO DA LAGOINHA

QUEM SOMOS

A Igreja Batista da Lagoinha foi fundada em Belo Horizonte e, em dezembro de 2017, completou sessenta anos atuando de forma relevante na expansão do evangelho. Reunimos 83.155 membros (dados de maio de 2018) na Sede, em Belo Horizonte, em outras cidades de Minas Gerais, no Brasil e no mundo.

Nossa missão é ser uma inspiração e propagar o evangelho a todas as pessoas. Temos como visão alcançar até 2020, 10% da população de cada cidade em que estamos. O propósito como igreja é estar sempre perto de cada membro. Acreditamos ser uma comunidade sem fronteiras, que busca alcançar e conectar pessoas. Tudo que fazemos é para o Senhor Jesus.

NOSSA HISTÓRIA

Em 20 de dezembro de 1957, nasceu a Sexta Igreja Batista, que ficou conhecida como Igreja Batista da Lagoinha. Um grupo inicial de 32 pessoas eram lideradas pelo pastor José Rêgo do Nascimento. A partir de 1972, ano em que a igreja tinha cerca de 300 membros, passou a ser liderada pelo pastor presidente Márcio Roberto Vieira Valadão, que até hoje está à frente da congregação.

Atualmente, em um processo de expansão dinâmico, inúmeras igrejas são plantadas em diferentes lugares do Brasil e do mundo. Em paralelo ao trabalho de expansão, a igreja promove e contribui com o desenvolvimento pessoal e social por meio de projetos destinados à ressocialização, ao atendimento jurídico gratuito, à capacitação profissional, assistência espiritual, psicológica e familiar, dentre outros.

Lagoinha é uma igreja que está sempre em movimento, trabalhando e expandindo o seu contato com o público de forma pessoal, relevante e saudável.

NOSSA VISÃO DE VOLUNTARIADO

A nossa meta é que todos os membros de Lagoinha sirvam e se envolvam em alguma área do voluntariado. Os pilares do voluntariado na Lagoinha são:



SER MEMBRO DA IGREJA

Seja por aclamação (ficha) ou por batismo. Ninguém pode fazer parte do Corpo de Cristo sem fazer parte da igreja, afinal, ela é o Corpo do Senhor.

“Assim nós, que somos muitos, somos um só corpo em Cristo, mas individualmente somos membros uns dos outros” (Romanos 12.5).

TER TEMPO PARA SERVIR

O voluntariado requer tempo, por isso não basta só querer servir, é preciso disponibilizar tempo para isso. À medida do possível, sempre trabalharemos com a disponibilidade das pessoas, mas não desprezaremos a necessidade de alguma missão.

Jesus chamou homens dispostos a servir, não desocupados. Às vezes, teremos que abrir mão de algumas coisas. Isso não quer dizer que vamos ser negligentes com a família ou com o trabalho, mas que, em alguns momentos, será necessário abrir mão de alguma coisa.

“Não, respondeu Davi, quero comprá-lo pelo seu inteiro valor em dinheiro; não tomarei o que te pertence para dar ao Senhor, e não oferecerei um holocausto que não me custe nada” (1Crônicas 21.24).

Sendo assim, sempre que houver uma missão e/ou uma necessidade, o voluntário Lagoinha deve se prontificar para cumprir tal missão. Se eu amo a minha igreja e concordo com a sua visão, o serviço fica muito mais leve e prazeroso. Mas, para concordar com algo, antes é preciso conhecer, ter acesso, contato e, muitas vezes, experimentar. Sendo assim, o voluntário Lagoinha precisa se envolver, estar nos cultos, congressos e conferências.

AMAR AS PESSOAS

Uma das expressões do caráter de Deus em nossa vida é o amor.

“Com isso todos saberão que vocês são meus discípulos, se vocês se amarem uns aos outros” (João 13.35).

Amar é uma escolha, uma opção. Amar é zelar, cuidar, respeitar, contribuir. Jesus nos deixou esse mandamento pois sabia que, com a ajuda do Espírito Santo, seria possível.



“E Jesus disse-lhe: amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todo o teu pensamento. Este é o primeiro grande mandamento. E o segundo, semelhante a este, é: amarás o teu próximo como a ti mesmo” (Mateus 22.37-39).

Quando confessamos Jesus Cristo como único Senhor e Salvador da nossa vida, Deus introduz o Espírito Santo em nossos passos, em nossa caminhada. O Espírito Santo se encarrega da edificação do amor em nossa vida, fazendo-nos agir de forma a colocar os interesses e necessidades de outra pessoa à frente dos nossos. Sem o Espírito Santo, não haveria quem pudesse nos livrar do egocentrismo, ou seja, diríamos sempre: “eu”, “meu”, “pra mim”. Mas, se abrirmos o nosso coração, Ele sussurrará em nosso ouvido: “Demonstre o seu amor colocando os outros antes de você”.

SER FLEXÍVEL

Precisamos ser flexíveis. Tudo que é muito rígido tende a quebrar com facilidade. Ser flexível é ajudar um irmão de outro departamento ou ministério mesmo que não seja a nossa “função”. É relevar e entender quando um irmão com problemas nos trata mal por estar chateado e nervoso, é perdoar sempre. É estar disposto a servir em qualquer área que precise de você.

“Depois disso, derramou a água numa bacia e começou a lavar os pés dos seus discípulos, enxugando-os com a toalha que estava em sua cintura” (João 13.5).

TER UM CORAÇÃO ENSINÁVEL

“Antes cresci na graça e no conhecimento de nosso Senhor e Salvador, Jesus Cristo. A ele seja dada a glória, assim agora, como no dia da eternidade. Amém” (2 Pedro 3.18).

O voluntário precisa estar disposto a aprender e ser corrigido. Precisa ser submisso à Palavra de Deus e à sua liderança. Deve ser interessado e estar disposto a ser treinado. Infelizmente, muitos não gostam de correção, acham que já sabem tudo e não precisam aprender mais nada, são negligentes com o estudo da Palavra. Pessoas que têm essas atitudes não estão aptas para servir ao Reino.

TER COMPROMETIMENTO

1º) com a Palavra de Deus: ser obediente aos ensinamentos contidos na Palavra;



2º) com a igreja: estar envolvido de forma direta com os projetos da igreja; entender que é parte de tudo que o Senhor deseja fazer por meio dela; estar disposto a fazer sua parte e ser fiel;

3º) com o ministério que escolheu servir: ser pontual, servir com paixão e dar o seu melhor.

“Disse-lhe o seu senhor: bem está, bom e fiel servo. Sobre o pouco foste fiel, sobre muito te colocarei; entra no gozo do teu senhor”

(Mateus 25.23).

SERVIR COM EXCELÊNCIA

A excelência tem sido uma marca da Lagoinha. Em tudo que fazemos, buscamos fazer o melhor. E a excelência no servir não está ligada ao quanto o seu ministério é visto pelos outros ou não. A excelência está ligada a um coração grato, que reconhece seu lugar no Corpo de Cristo.

Alguns ministérios são visíveis, outros ficam por trás das cortinas. Contudo, todos são, igualmente, valiosos. E aqui o importante é servir, não ser visto. Quando sirvo ao meu próximo, sirvo a Deus. Quando faço pelas pessoas, faço para Deus.

“Porque tive fome, e me destes de comer; tive sede, e me destes de beber; era estrangeiro, e hospedastes; Estava nu, e me vestistes; adoeci, e me visitastes; estive na prisão, e me fostes ver. Então, os justos lhe responderão, dizendo: Senhor, quando te vimos com fome, e te demos de comer? Ou com sede, e te demos de beber? E quando te vimos estrangeiro, e te hospedamos? Ou nu e te vestimos? E quando te vimos enfermo, ou na prisão, e fomos ver-te? E, respondendo o Rei, lhes dirá: Em verdade vos digo que quando o fizestes a um destes meus pequeninos irmãos, a mim o fizestes” (Mateus 25.35-40).

Ora, se eu entendo que fazendo ao meu irmão, faço para Cristo, farei sempre com a excelência que Ele merece. Nenhum ministério é independente. Uma vez que nenhum ministério pode realizar sozinho tudo o que a igreja é chamada a fazer, devemos depender e nos juntar uns aos outros. Quando uma parte do corpo não funciona bem, as outras partes também não funcionam.

Esperamos que, ao final de cada culto, o resultado sejam vidas rendidas no altar e a igreja alimentada e edificada. Mas, para que alcancemos esse resultado, é preciso que cada um de nós entenda que somos um time, e que o serviço e a posição de cada um são fundamentais para que o nosso time vença.



SER PROATIVO

Jesus alertou os seus discípulos sobre tudo o que Ele passaria, afinal, já sabia que seria difícil para os discípulos também: *“Vigiai e orai, para que não entreis em tentação; na verdade, o espírito está pronto, mas a carne é fraca”* (Mateus 26.41). Ele simplesmente não disse: “Espere para orar quando for tentado, ou até você ser entregue à tentação, ou quando já estiver cheio até o pescoço de pecado e perversão!”

Jesus nos ensina a sermos proativos. Essa palavra é definida no dicionário como: “que visa antecipar futuros problemas, necessidades ou mudanças”.

SER SUBMISSO

Ser submisso é uma escolha, é entender que está sob uma missão e se sujeitar a ela. Ser submisso é ser dependente, obediente, ser servo. Para ser um voluntário excelente é preciso ser submisso. O contrário de ser submisso é ser altivo, arrogante e soberbo.

“Porque eu descí do céu, não para fazer a minha vontade, mas a vontade daquele que me enviou” (João 6.38).

Lembre-se: Jesus, o nosso mestre, estava debaixo de uma missão e se submeteu a ela.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Seja muito bem-vindo à Lagoinha! A nossa vocação é ser uma igreja que inspira, por isso temos ensinado a respeito da cultura do voluntariado. Queremos fazer a obra de Deus com amor para que a Igreja cumpra o seu papel da melhor forma possível. Nossa missão é amar e servir às pessoas!



IGREJA BATISTA DA LAGOINHA

Nossas Redes Sociais

Fique por dentro de todas as programações da igreja por meio das nossas redes sociais



Se você quiser saber mais sobre nossa igreja, programações, trabalhos e ministérios, acesse o site www.lagoinha.com ou entre em contato conosco pelo telefone (31) 3429-9450.

Se você precisa de oração, ajuda ou orientação,
ligue para o Telefone da Paz

Fixo (31) 3429-9550

Claro (31) 98309-0064 / 98414-8185

Vivo (31) 97177-3300 / 97123-3300

Tim (31) 99481-8023 / 99481-5699

Oi (31) 98878-0054 / 98878-0056



PROFETIZANDO VIDA
EDITORA

2018. IGREJA BATISTA DA LAGOINHA.

